



Lançamento  
em  
SETEMBRO

-Ellen G. White-

# O MAIOR discurso de CRISTO



COLEÇÃO  
Folhas de Outono

Em Setembro, envolva-se no Projeto “Folhas de Outono”. Adquirá e **ofereça** o livro **O Maior Discurso de Cristo**, de Ellen White. Ele revelará, a si e a quem o oferecer, a essência do Cristianismo, numa análise inspirada sobre o mais **surpreendente discurso** da História, feito pelo mais maravilhoso Homem, Jesus Cristo.

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### editorial

DEVOCIONAL



**06**  
**Quem é Jesus para mim?**  
As multidões reconheciam que Jesus era Alguém especial, um grande homem com características louváveis. Mas não o consideravam divino.

REFLEXÃO



**23**  
**A responsabilidade da mãe**  
Não há ocupação, profissão, recreação ou ministério que desresponsabilize a mãe da maior obra a ela concedida.

VIDA CRISTÃ



**32**  
**A vitória sobre o vício**

### EDITORIAL

#### 04 Três Doutrinas Fundamentais

#### 05 Memo

### TEOLOGIA

#### 08 Quem é o Espírito Santo?

Os cristãos de algumas confissões religiosas têm dificuldade em aceitar a personalidade do Espírito Santo e, em consequência disso, também ignoram a Sua divindade.

### ARTIGO DE FUNDO

#### 12 O significado de uma vírgula

A promessa de Jesus ao "bom" ladrão na cruz – "Em verdade te digo, hoje estarás comigo no Paraíso" – é frequentemente considerada como uma prova muito importante da imortalidade da alma.

### ESPAÇO JUVENIL

#### 17 Não aqueles rapazes!

Querido Deus, por favor não envies aqueles rapazes para a minha carrinha!

#### 18 Notícias Internacionais

#### 19 Notícias Nacionais

### BÍBLIA

#### 24 As mensagens dos três anjos – O primeiro anjo (2ª parte)

Neste artigo vamos descobrir que movimento eclesial é simbolizado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14.



## Três doutrinas fundamentais

Remos ter a oportunidade de ler nesta revista artigos que se destacam por abordarem crenças que se apresentam como fundamentos doutrinários da Igreja Adventista do Sétimo Dia: A imortalidade condicional da alma, a personalidade do Espírito Santo e a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14. Verdades impactantes para os nossos dias. Jamais as devemos esquecer ou, pior ainda, negá-las. Elas são alguns dos fundamentos que identificam o caráter e a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando olhamos para este mundo sem soluções nem esperança, para os problemas suscitados pela economia, pelas catástrofes naturais, pelas guerras, pelas doenças mortais, percebemos a nossa necessidade do Espírito Santo para podermos compreender todas as verdades bíblicas. “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Romanos 8:14).

A Humanidade necessita, mais do que nunca, da presença do Espírito Santo. Mediante a Sua atuação, a mente e o coração humanos podem ser transformados. Esta atuação do Espírito Santo respeita claramente a liberdade de escolha de cada indivíduo. Mas o grande objetivo da presença do Espírito Santo é atrair cada ser humano para o grande Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

A tendência humana é querer moldar o seu caráter de acordo com a suas escolhas. No entanto, qualquer alteração que haja no nosso caráter sem a presença do poder do Espírito Santo não

será eficaz. Quando nos julgamos capazes de moldar a nossa vida, cometemos um grande erro. Nunca poderemos obter por nós mesmos a vitória sobre a tentação. A verdadeira transformação de caráter tem um único objetivo: Restaurar no Homem a imagem Divina. Não vemos Cristo agora, nem falamos com Ele, mas o Seu Espírito Santo está perto de nós seja qual for o lugar onde nos encontrarmos. Ele atua e transforma vidas, levando-as a produzirem o fruto do Espírito: “Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22). O Espírito Santo é enviado para ser o nosso Consolador. “E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; vós O conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós” (João 14:16 e 17). É de tal importância a presença do Espírito Santo que Jesus, antes de deixar este mundo, disse: “Não vos deixarei órfãos” (João 14:18). O Espírito Santo está sempre à nossa mão direita, para nos falar com palavras amáveis e calmas; para apoiar, sustentar, erguer e animar. Os que experimentam a Sua presença revelam os Seus frutos: Amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança. ✦

Editorial baseado em Ellen G. White, *Cuidado de Deus*, pp. 122 e 132.

• Pr. Antônio Rodrigues, presidente da UPASD

## DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

## julho

04-06	Acampamento de Estudo e Oração (Jovens)
05	Fim da Campanha da ADRA
06	Dia de Oração e Jejum
11-13	ACNAC Rebentos
20-27	ACNAC Tições
20-27	Programa de Formação em Saúde para Pastores
28-07/08	ACNAC Companheiros
31	Fim da Colportagem Jovem

## agosto

03	Programa de Promotores de Saúde (Início)
07	ACNAC de Companheiros (Término)
10-20	ACNAC de Desbravadores
16	Dia de Sensibilização contra o Abuso e a Violência
21-31	Impacto 2014
21-31	Acampamento Nacional de Famílias
31	Programa de Promotores de Saúde (Término)

## COMUNIDADE DE ORAÇÃO

## julho

7-11	União Suíça (SU)
14-18	Associação da Morávia-Silésia (CSU)
21-25	Hospital Waldfriede (EUD)
28-1/8	Faculdade Vila Aurora (IU)

## agosto

4-8	Associação do Banat (RU)
11-15	Associação Alemã Central-Berlim (NGU)
18-22	Casa Publicadora Vie et Santé (EUD)
25-29	Casa Publicadora Saatkorn (EUD)

ANTENA 1 RTP2

## FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30  
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 21/07 (segunda-feira)
- 31/07 (segunda-feira)
- 11/08 (quinta-feira)

## CAMINHOS

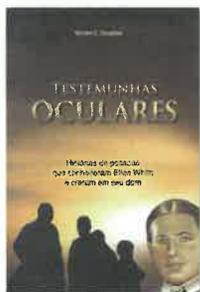
RTP2, às 11h  
ANTENA 1, a partir das 06h

- 24/08 (domingo)

## TESTEMUNHAS OCULARES

de Herbert E. Douglass

Este livro de Herbert Douglass é verdadeiramente fascinante. Depois de uma pesquisa aturada, o autor apresenta 24 episódios em que a intervenção de Ellen G. White foi decisiva



para a vida de um crente ou para a existência da Igreja Adventista. De facto, o livro está dividido em duas secções. A primeira secção reúne histórias sobre a manifestação do Espírito de Profecia na vida de pessoas como José Bates, Dudley Canright ou N. D. Faulkhead. A segunda secção é composta por histórias que exemplificam o modo como a ação profética de Ellen White manteve a Igreja Adventista do Sétimo Dia no bom caminho. Assim, neste livro de Herbert Douglass podemos encontrar histórias tão fascinantes como aquela que descreve o contexto da visão mais longa experimentada por Ellen White ou aquela outra que narra as circunstâncias históricas do mais curto testemunho do Espírito de Profecia. Ao longo da leitura deste livro, a nossa confiança na inspiração sobrenatural de Ellen White vai ficando cada vez mais fortalecida, à medida que vamos descobrindo as variadas maneiras como Deus utilizou a Sua serva para advertir vários indivíduos sobre os riscos espirituais que corriam ou para conduzir a Sua Igreja para além dos obstáculos que se lhe deparavam. As experiências narradas no livro de Douglass podem ser lidas tendo em vista obter-se mais informação sobre a vida e a obra de Ellen White, mas também podem ser lidas com o fim de serem utilizadas para a ilustração de sermões ou de meditações. De facto, qualquer uma destas 24 histórias poderão ilustrar poderosamente um sermão ou uma palestra sobre o Espírito de Profecia. Este livro também poderá ser utilizado como base para o culto familiar, pois o seu conteúdo impressionante facilmente captará a atenção de toda a família, nomeadamente dos seus elementos mais novos. Com efeito, se queremos apresentar aos nossos filhos a pessoa e a obra de Ellen White, este é, seguramente, o livro indicado para o efeito. As suas impressionantes e emocionantes narrativas prenderão facilmente a atenção dos mais novos, levando-os a apreciar o decisivo contributo dado por Ellen White à Igreja que ela ajudou a fundar. Assim, embora contendo apenas 142 páginas, o livro de Herbert Douglass merece bem ser adquirido, sendo uma valiosa aquisição para a biblioteca pessoal de qualquer crente Adventista.

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

# Quem é Jesus para mim?

**C**onvido-o a refletir comigo num interessante episódio narrado no livro de Mateus, no capítulo 16, versículos 13 a 23.

Jesus era, por esta altura, bastante popular entre o povo.

Alguns admiravam-n'O e seguiam-n'O, procurando presenciar acontecimentos fora do comum, como os Seus famosos milagres; outros tentavam silenciá-lo e prendê-lo.

Como eram vários, os discípulos podiam facilmente receber todo o tipo de opiniões por parte das pessoas que constituíam a multidão que seguia normalmente Jesus. E, nesta altura, Jesus mostra-se interessado em parar por um momento para fazer um balanço e perceber que alcance e que eficácia estava a ter o Seu ministério, bem como para perceber a maturidade espiritual dos seus apóstolos. Por isso faz uma pergunta direta e bem curiosa: “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” (Mateus 16:13). Ao que eles responderam: “Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas” (Mateus 16:14).

As respostas que foram dadas pelos discípulos revelavam uma triste verdade. As multidões reconheciam que Jesus era Alguém especial, um grande homem com característica louváveis. Era realmente Alguém singular, uma pessoa notável, extraordinária, tal

como João Batista ou, até mesmo, como o grande profeta Elias. No entanto, em nenhuma dessas opiniões Ele era reconhecido como o Deus vivo, “o Verbo [que] se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14). Todos os feitos e todas as evidências que tinham sido dadas pelo Céu não tinham levado o povo a reconhecer que Jesus era o Messias anunciado pelo Antigo Testamento e tão ansiosamente aguardado.

Julgo que, nos dias de hoje, assistimos a algo muito similar. Jesus é reconhecido por muitos como um homem que trouxe ensinamentos extraordinários e formas de pensar revolucionárias, que abanaram os alicerces da religião judaica. Tenho falado com pessoas que o consideram como um grande pensador, estando no patamar de filósofos como Aristóteles, Confúcio ou Nietzsche. São pessoas sinceras, que admiram Jesus do fundo do coração. Mas, infelizmente, muitas dessas

pessoas não veem em Jesus mais do que isso. Não veem n'Ele um Salvador pessoal, nem enxergam n'Ele a figura do próprio Deus feito homem. Admiram-n'O pelo que ensinam, mas nada mais.

Ora, apesar dos apóstolos serem portadores de múltiplas impressões do povo a respeito de Jesus, eles precisavam de ter a sua própria opinião. E é por essa razão que Jesus coloca uma pergunta frontal aos seus seguidores: “Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mateus 16:15). Querido leitor, mais importante do que saber o que a pessoa de Jesus significa para os outros, é pensar no que ela significa para si. Antes de tentar transmitir Jesus ao “mundo”, dando-O a conhecer aos seus amigos, colegas de trabalho e familiares, pense no que Ele representa para si. Por que razão lê a Bíblia ou

qualquer outro livro de conteúdo religioso? Pense em quais são os motivos que o levam à igreja cada sábado. O que o motiva são as palavras maravilhosas? O pregador cativante? O ambiente acolhedor? Os amigos e os irmãos? Por que razão é o leitor cristão?

Neste momento, Jesus dá aos Seus seguidores a oportunidade de abrirem o coração e de testemunharem da sua fé. “Muitos dos discípulos que haviam esperado ardentemente que Jesus tomasse o Seu lugar no trono de David, deixaram-n’O ao perceber que Ele não tinha essa intenção. Mas Pedro e seus companheiros não se desviaram da sua fidelidade. A vacilante atitude dos que ontem louvavam e hoje condenavam, não destruiu a fé dos verdadeiros seguidores do Salvador” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 289). Ainda que estivessem longe de entender completamente o verdadeiro sentido e o verdadeiro objetivo da missão do Senhor Jesus, os discípulos mostraram-se firmes quando quase todos os outros se desiludiram e foram desapontados.

“É Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16). Mais uma vez, o protagonista é Pedro. O leitor conhece este homem. Um discípulo apaixonado, com uma enorme espontaneidade. Com vários defeitos, é certo; mas era um verdadeiro seguidor de Cristo Jesus. E veja como é espantosa a confissão de fé que Jesus tem o prazer de ouvir dos lábios de um homem que seria um instrumento tão importante nas mãos de Deus. Fantástico! Observe que o nome “Cristo” era um título. A palavra grega é uma tradução do termo hebraico “Messias” e significa “Ungido”. O que Pedro admite, portanto, é que Jesus era Deus, Aquele que os israelitas aguardavam há séculos!

A conclusão de Pedro é brilhante e certamente encheu o coração de Jesus de alento.

Muita atenção agora: Pedro teria todos os motivos para se orgulhar de si mesmo e ter-se a si mesmo em grande conta por ter tido tamanha inspiração. Mas note, por favor, as palavras da serva do Senhor: “A verdade confessada por Pedro é o fundamento da fé do crente. (...). A posse desse conhecimento, no entanto, não oferece motivo para nos glorificarmos a nós mesmos. Não fora por meio de sabedoria ou bondade do próprio Pedro, que ele lhe havia sido revelado. De si mesma, não pode a humanidade nunca chegar ao conhecimento do divino” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 292).

O leitor reconhece Jesus como sendo Deus e considera-o como seu Salvador; conhece bem aquilo que as Sagradas Escrituras relatam a este respeito e tem um conhecimento bíblico bastante completo. Isso é extraordinário e um motivo para dar glórias a Deus! Mas muito cuidado, amigo. Se hoje está nesse alto patamar espiritual, deve-o unicamente à bondade, à misericórdia e à sabedoria divina. Não se esqueça disso. Quer ver esta verdade confirmada? Avancemos um pouco no relato bíblico e vejamos o que aconteceu imediatamente a seguir: “Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos, que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia” (Mateus 16:21). Jesus revela aos discípulos a Sua missão, descrevendo os Seus sofrimentos, a Sua morte e a Sua ressurreição. “Os discípulos ainda esperavam que Cristo reinasse como príncipe temporal. Conquanto Ele houvesse por tanto tempo ocultado o Seu desígnio, acreditavam que não

permaneceria para sempre na pobreza e obscuridade; aproximava-se o tempo em que estabeleceria o Seu reino.” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 292). Por isso, mais uma vez, Pedro intervém e “tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso” (Mateus 16:22). Ao que Jesus responde: “Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens” (Mateus 16:23).

Sentiu-se arrepiado como eu ao ler esta passagem? Pois a verdade é que podemos e devemos tirar uma importantíssima lição daqui: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia” (I Coríntios 10:12). Num momento, está tudo bem e estamos sendo guiados e inspirados por Deus. Mas, no momento seguinte, podemos tornarmos num instrumento nas mãos de Satanás. Entende porque não há razão ou a mínima possibilidade de nos gloriarmos? Nem para sentirmos orgulho nas nossas forças e capacidades? É a mão de Jesus que nos mantém de pé; é a providência divina que nos colocou no degrau da fé onde estamos hoje. “Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém.” (I Timóteo 1:17).

Que Deus ensine, a mim e a si, o caminho da humildade e que Ele nos ajude a reconhecer Cristo como muito mais do que um simples homem e do que um mero autor de ensinamentos úteis. Que O possamos reconhecer como o próprio Deus, o nosso querido Salvador, Alguém que muda cada dia a nossa vida à Sua imagem e semelhança. ✠

• **Bruno Silva**  
Enfermeiro



# Quem é o Espírito Santo?

**O**s cristãos de algumas confissões religiosas têm dificuldade em aceitar a personalidade do Espírito Santo e, em consequência disso, também ignoram a Sua Divindade. Para a maioria dos cristãos o tema é claro, mas para alguns não é assim tão evidente. Lembremos que uma verdadeira pessoa possui uma mente, sendo dotada de emoções, de inteligência e de habilidades, tais como ouvir, falar, interceder, alegrar-se e aborrecer-se. A Bíblia é clara ao indicar que o Espírito Santo é uma pessoa Divina, isto é, o Espírito Santo, assim como o Pai e o Filho, é uma das pessoas da Trindade Divina. O Espírito Santo manifesta sentimentos pessoais no Seu trato com a Humanidade. Se fosse uma energia, como poderia manifestar sentimentos? O vento, a energia elétrica e os átomos não manifestam emoções.

## O Espírito Santo no Antigo Testamento

O termo *Elohim* (“Deus”) no original hebraico do Antigo Testamento é um substantivo plural. Sempre que aparece no texto do Antigo Testamento, *Elohim* indica a pluralidade no interior da Divindade. Deus Pai, Jesus e o Espírito Santo estiveram juntos na criação; só Deus tem o poder de criar; logo, os três pertencem à Divindade. O primeiro verso da Bíblia, ao descrever a obra da criação de Deus,

diz o seguinte: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). A palavra “Deus” neste texto traduz o hebraico *Elohim*. Por sua vez, *Elohim* é a forma plural de *Elohá* (“Deus”). Assim sendo, aqui está a primeira evidência bíblica da existência de uma pluralidade na Divindade. Matthew Henry, célebre comentador da Bíblia, afirma: “A pluralidade de pessoas na Deidade: Pai, Filho e Espírito Santo. Este nome de Deus no plural (...) confirma a nossa fé na

doutrina da Trindade, que é claramente revelada no Novo Testamento, apesar de só ser levemente sugerida no Antigo”, *Commentary on the Whole Bible*, Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, Vol. 1, p. 2. Outro exemplo que revela a pluralidade de pessoas na Deidade está em Gênesis 1:26, onde lemos: “E disse Deus, façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança”. No versículo 27 lemos: “E criou Deus o homem à Sua imagem”. Ao escrever este relato, Moisés intercalou o plural com o singular, mostrando que há um só Deus, que se manifesta em três pessoas. Logo após a entrada do pecado, Moisés continua a descrição da situação, escrevendo: “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós...” (Gênesis 3:22). Perceba novamente que o verbo “dizer” é aqui conjugado no singular, tendo como sujeito “o Senhor Deus”, isto é, um sujeito singular, mas depois Deus fala de si mesmo no plural,

ao dizer que “o homem é *como um de nós*”.

### **O Espírito Santo no Novo Testamento**

As três pessoas da Divindade aparecem com mais clareza no Novo Testamento. Após a Sua ressurreição, Jesus disse aos Seus discípulos: “Fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mateus 28:19 e 20). Observe que o substantivo “nome” aparece no singular, mas sob esse nome singular menciona-se três pessoas. Esta similaridade com os textos do Antigo Testamento, onde o verbo aparece no singular e o nome ou o pronome surge no plural, indica que há um único Deus, mas que esse Deus é composto por três Pessoas coeternas. Quando o nascimento de Cristo foi anunciado pelo anjo, este declarou: “Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso também o ente Santo que há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35). Aqui aparecem as três pessoas da Divindade. O apóstolo Paulo, ao terminar a Segunda Carta aos Coríntios, declara: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (II Coríntios 13:13). Quando pensamos neste texto como um desafio que nos é lançado para termos comunhão com o Espírito Santo, entendemos que somente podemos ter comunhão com uma Pessoa. Não se pode ter comunhão com um poder ou com uma força ativa. Então, se somos chamados a ter comunhão com o Espírito Santo, fica claro que Ele é uma Pessoa. No batismo de Jesus também encontramos os três

membros da Divindade em ação ao mesmo tempo. Veja este texto: “Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:16-17). O relato do batismo de Jesus é uma notável comprovação da doutrina sobre as três Pessoas da Divindade. Ali estava Jesus, em forma humana, visível a todos, o Espírito Santo descia sobre Cristo em forma corpórea, como uma pomba, e a voz do Pai disse desde o céu: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. Em João 10:30 Cristo reclama igualdade com o Pai. Ele disse: “Eu e o Pai somos um”. E em Atos 5:3 o Espírito Santo é identificado como Deus. Portanto, é difícil, se não mesmo impossível, explicar a cena do batismo de Cristo de qualquer outra forma que não aquela que nos leva a admitir que há três Pessoas na Divindade.

### **A personalidade do Espírito Santo**

“E eu rogarei ao pai, e ele vos dará outro consolador, para que fique convosco para sempre” (João 14:16). Neste versículo, Jesus trata o Seu Pai como igual e solicita o Espírito Santo para os Seus seguidores. No grego, a palavra traduzida aqui como “outro” é *allos*, que significa “outro do mesmo tipo”, ao contrário de *heteros*, que significa “outro de outro tipo”. Portanto, Jesus tinha a intenção de enviar alguém para auxiliar os discípulos e as gerações sucessivas de Seus seguidores que fosse semelhante a Ele mesmo, isto é, que fosse uma Pessoa divina. Anteriormente, Jesus relacionou-Se com o Pai. Agora, Ele relaciona-Se também com o Espírito Santo. Encontramos ainda outros atributos próprios de

uma pessoa no Espírito Santo. Assim, a Bíblia relata que o Espírito Santo tem uma mente. Somente quem tem inteligência é capaz de tomar decisões e de levar avante ações independentes. Uma influência ou uma força ativa, semelhante à eletricidade, não tem uma mente. No entanto, Paulo afirma: “E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que Ele intercede pelos santos” (Romanos 8:27). O Espírito Santo tem pensamentos e executa ações inteligentes. Por isso Jesus afirmou: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (João 14:26). O Espírito tem sentimentos. A Bíblia diz-nos: “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Efésios 4:30). O Espírito Santo também mantém conversação. Cito apenas quatro versículos, que não deixam dúvidas a este respeito: “Quando, porém, vier o Consolador, que Eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que d’Ele procede, esse dará testemunho de Mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (João 15:26, 27). “Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro, e acompanha-o” (Atos 8:29). “Disse





o Espírito Santo: Apartai-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (Atos 13:2). “E, pensando Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito: Eis que três varões te buscam” (Atos 10.19).

### **A divindade do Espírito Santo**

A Bíblia afirma que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são a própria essência da verdade. Veja estes textos: “Mas o Senhor Deus é a verdade; ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno; ao seu furor treme a terra, e as nações não podem suportar a sua indignação” (Jeremias 10:10). “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6). A respeito do Espírito Santo não é diferente, pois a Bíblia também menciona que Ele é a verdade: “Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade” (I João 5:6). “Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir” (João 16:13). Outro importantíssimo atributo divino do Espírito Santo é que Ele não só promove, como também participa no processo da salvação. Cito apenas dois versículos da Palavra: “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da ter-

ra” (Atos 1:8). “E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (João 16:8). O Espírito Santo também possui a onisciência divina: “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (I Coríntios 2:10 e 11).

Ellen White também se refere ao Espírito Santo como sendo uma Pessoa Divina, quando diz: “O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. Por que qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” Ellen White, *Evangelismo*, p. 617. Ela faz notar também que “ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa atuação da terceira pessoa da Divindade, a qual viria, não com energia modificada, mas na plenitude do Divino poder”, Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 671. Finalmente, a mensageira do Senhor afirma: “Há três pessoas vivas pertencentes à Divindade celeste; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os

que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo”, Ellen White, *Evangelismo*, p. 616.

### **Para si, quem é o Espírito Santo?**

Para Pedro, o Espírito Santo era Deus, o que ele revelou quando disse a Ananias: “Ananias por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? ... Não mentiste aos homens, mas a Deus” (Atos dos Apóstolos 5:3-4). Saber muito sobre Deus é algo impossível para nós. A verdade é que o homem é tão pequeno e Deus é tão grande que não conseguimos conhecer profundamente a realidade da Divindade. Sabemos apenas aquilo que nos foi revelado na Palavra. “Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória. A qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória. Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (I Coríntios 2:7-9). Compete-nos manter a humildade diante da revelação maravilhosa que temos e dos ricos recursos de salvação que estão disponíveis para nós. Hoje o Espírito Santo trabalha conosco para a nossa renovação espiritual e faz-nos o convite: “E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida” (Apocalipse 22:17). ♣

• **Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

# NOVIDADE!



## novas bíblias coloridas para crianças

com  
puzzles

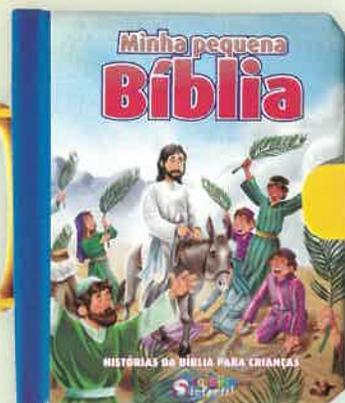
QUEBRA-CABEÇAS  
BÍBLICO

Histórias do  
Velho Testamento

QUEBRA-CABEÇAS  
BÍBLICO

Histórias do  
Novo Testamento

com  
puzzles



ligue > 21 962 62 00

Publicadora SERVIR

# O significado de uma vírgula

A promessa de Jesus ao “bom” ladrão na cruz – “Em verdade te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” – é frequentemente considerada como uma prova muito importante da imortalidade da alma; isto é, da crença de que o espírito ou a alma dos mortos fiéis tem uma existência consciente no Céu antes da ressurreição. No entanto, nem todos estão convencidos de que Jesus realmente disse ao criminoso penitente que eles estariam juntos no Paraíso nesse mesmo dia.

Todo o problema depende de uma simples vírgula, provavelmente ausente do manuscrito original de Lucas. Com a vírgula colocada antes de “hoje” (*sêmeron*), como é o caso da maioria das traduções, o advérbio referir-se-ia ao verbo seguinte (“estar”), e o texto teria o sentido tradicional: “Em verdade te digo, *hoje* estarás comigo no Paraíso.”<sup>1</sup> Mas se for colocada após

“hoje”, então o advérbio modificará o verbo precedente (“dizer”), e as palavras de Jesus teriam uma conotação inteiramente diferente: “Em verdade te *digo hoje*, estarás comigo no Paraíso”. Embora por vezes seja considerada pleonástica e sem sentido,<sup>2</sup> esta leitura alternativa é possível, especialmente se se considera todas as evidências: textual, linguística e escriturística.

O que nos dizem estas evidências sobre o significado correto deste texto?

## Evidências textuais

Nos primeiros séculos cristãos, os manuscritos do Novo Testamento (NT) eram escritos sem separação entre as palavras e as frases; pouca ou nenhuma pontuação era usada para indicar como o texto devia ser lido. A vírgula, por exemplo, foi introduzida tardiamente, no século nono; antes desta época, as pequenas pausas eram por vezes indicadas através de um ponto na linha (.), enquanto que a paragem total da leitura era indicada por um ponto alto (·). Embora nenhum autógrafo do NT tenha sobrevivido, é muito provável que, originalmente, Lucas 23:43 não tivesse pontuação de qualquer tipo,

como o papiro Bodmer XIV-XV (ou simplesmente, P<sup>75</sup>) parece demonstrar. Escrito no início do terceiro século, P<sup>75</sup> é a cópia mais antiga de Lucas e não tem qualquer ponto na nossa passagem, seja antes ou seja depois da palavra *sêmeron*, embora alguma pontuação possa ser encontrada aqui e além.

Portanto, os sinais de pontuação não são uma parte integral do texto canônico. De facto, eles revelam apenas como o texto era lido e compreendido por aqueles que o copiavam. Assim, quando foi colocada pontuação em Lucas 23:4, a vírgula foi inserida antes de *sêmeron* (“hoje”), não por razões gramaticais, mas por causa da convicção dominante nessa época de que a recompensa final do fiel que morre vem imediatamente após a morte. Por vezes, os escribas também reorganizavam o texto, de modo a tornar o seu sen-

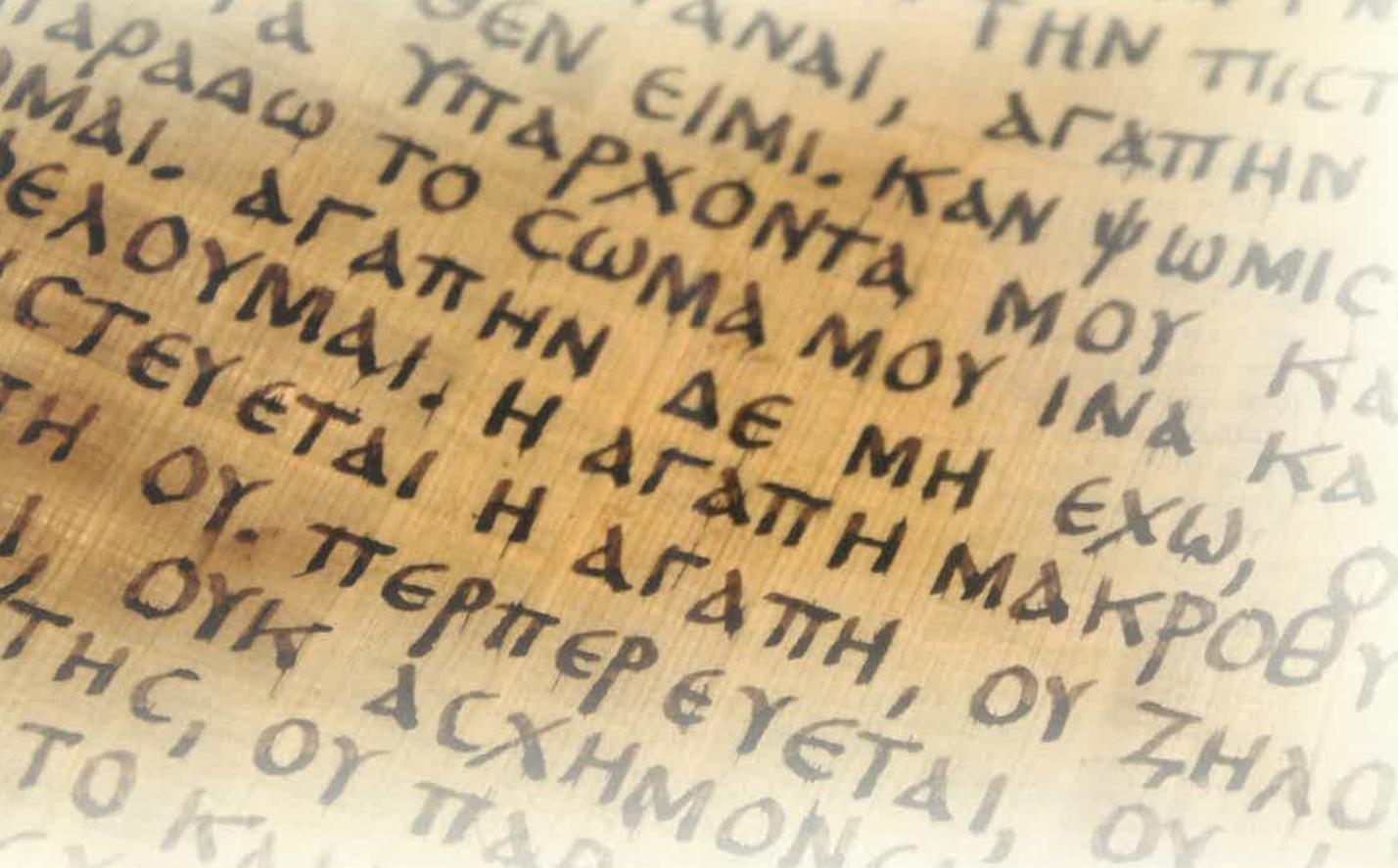
tido supostamente mais claro. Foi assim que a palavra “que” (*hoti*) se tornou parte da afirmação de Jesus. “Que” não estava no texto original, mas foi adicionada à frase antes do advérbio (“Em verdade te digo *que* hoje...”) sob a suposição de que era isto que Jesus queria dizer; esta adição surge num bom número de manuscritos gregos medievais, bem como em várias traduções antigas e modernas.

No entanto, achamos interessante que o Códex Vaticanus, do quarto século, “um dos mais valiosos de todos os manuscritos da Bíblia grega”<sup>3</sup> e um parente próximo, textualmente falando,<sup>4</sup> do P<sup>75</sup>, tem um ponto na linha exatamente após, e não antes, do advérbio *sêmerom* (“hoje”). Porque o manuscrito tem também, aqui e ali, alguns pontos ou manchas de tinta acidentais, pode-se dar o caso que o ponto na nossa passagem seja também acidental; mas o facto do ponto estar exatamente na linha e estar equidistante das duas palavras adjacentes reduz muito a possibilidade de se tratar de um acidente. No entanto, é-nos difícil saber se este ponto remonta ao escriba original ou se foi adicionado posteriormente, o que parece ser mais provável.<sup>5</sup> Seja como for, o Códex Vaticanus tem um ponto

após *sêmeron* (“hoje”), e o manuscrito não revela qualquer tentativa por parte dos seus leitores para o remover ou corrigir.

No entanto, mesmo se esta evidência é inconclusiva, não há dúvida que segmentos importantes da Igreja Cristã liam o advérbio “hoje” relacionando-o com o verbo precedente (“dizer”). Outro exemplo é o manuscrito minúsculo grego 339, do décimo terceiro século, que não apenas tem um ponto após *sêmeron* (“hoje”) mas também tem espaço suficiente antes da palavra seguinte, de modo a tornar virtualmente impossível a tese do acidente. Além disso, existem vários outros manuscritos medievais pontuados que simplesmente deixam esta passagem sem qualquer sinal de pontuação,<sup>6</sup> embora a regra fosse colocar um ponto ou uma vírgula antes do advérbio. A leitura alternativa (Em verdade te digo *hoje*...) também se encontra no Siríaco Curetoniano, uma das primeiras traduções do NT, cujo texto remonta ao segundo século. Entre os escritores cristãos esta leitura também está atestada por Ephraem, o Sírio, do quarto século,<sup>7</sup> bem como por Cassiano e Hesychius, do século quinto. Embora Cassiano e Hesychius preferissem ligar “hoje” com o verbo “estar”, eles explicitamente referem-se àqueles que costumavam ler o advérbio com o verbo “dizer”, considerando-os heréticos.<sup>8</sup> Finalmente, a leitura alternativa também se encontra em duas obras apócrifas independentes, provavelmente do quarto século, se não mesmo mais recentes: Os atos de Pilatos e A descida de Cristo ao Inferno. Estas obras, conhecidas em três versões ligeiramente diferentes, tanto em Grego como em Latim, foram unidas por volta do século quinto e, a partir do décimo terceiro século, têm sido por vezes chamadas o *Evangelho de Nicodemos*.<sup>9</sup>





Nenhuma destas evidências define a pontuação original de Lucas ou demonstra que a leitura alternativa era predominante no Cristianismo antigo e medieval; ela não o era.<sup>10</sup> Mas, no seu conjunto, elas mostram efetivamente que a tentativa de ligar o advérbio “hoje” com o verbo precedente teve importantes apoiantes na história do Cristianismo, permitindo assim a possibilidade de que isto era, de facto, o que Lucas quis dizer.

### **Evidências linguísticas**

No Grego não há uma regra específica que determine a posição do advérbio, seja antes ou seja depois do verbo.<sup>11</sup> Assim, do ponto de vista gramatical, é-nos impossível determinar se *sêmeron* (“hoje”) em Lucas 23:43 modifica o verbo precedente (“dizer”) ou o verbo seguinte (“estar”). No entanto, Lucas tem uma tendência bem definida para usar este advérbio com o verbo precedente. Isto acontece em 14 das 20 ocorrências de *sêmeron* em Lucas e Atos (Lucas 2:11; 5:26;

12:28; 13:32, 33; 22:34, 61; Atos 19:40; 20:26; 22:3; 24:21; 26:2; 29; 27:33).<sup>12</sup> Dos cinco casos do uso do advérbio com o verbo seguinte, um é uma citação de Salmos 2:7 (Atos 13:33) e, em três casos, *sêmeron* é precedido por uma conjunção (Lucas 4:21; 19:5, 9),<sup>13</sup> o que torna esta construção gramatical inevitável. Portanto, há apenas um exemplo nos escritos de Lucas em que *sêmeron* foi livremente colocado antes do verbo (Atos 4:9). Assim, a tentativa de ler o advérbio em Lucas 23:43 em ligação com o verbo precedente não é apenas aceitável em termos da gramática, mas está também em total acordo com o estilo literário de Lucas.

Um argumento recorrente sugere que esta leitura alternativa não pode ser a leitura correta porque faria da afirmação de Jesus um pleonasma ou, mesmo, uma frase “gramaticalmente sem sentido”.<sup>14</sup> Isto pode ser verdade no que diz respeito ao Inglês ou a outras línguas modernas, mas o NT foi escrito em Grego. Não em Grego

puro, mas, por vezes, num Grego recheado de expressões idiomáticas semíticas. O Grego de Lucas enquadra-se nesta categoria, especialmente no Evangelho, apesar do facto de o próprio Lucas não ser judeu (veja Colossenses 4:10-14). E já foi amplamente demonstrado que o uso de “hoje” com um verbo precedente para se introduzir ou para se fechar uma afirmação não é senão uma expressão idiomática semita destinado a intensificar o significado e a solenidade da afirmação em questão.<sup>15</sup>

De facto, esta expressão idiomática é bastante comum nas Escrituras, especialmente no Deuterónimo, onde existem mais de 40 exemplos de expressões tais como: “Eu instruo-te *hoje*” (4:1), “Eu coloco diante de ti *hoje* (11:26), “Eu dou-te *hoje*” (28:13), “Eu ordeno-te *hoje*” (6:6; 7:11; 12:32), “Eu testifico contra ti *hoje*” (8:19), e “Eu declaro-te *hoje*” (30:18; cf. 4:26; 30:19; 32:46; Atos 20:26; 26:2).<sup>16</sup> No caso de Lucas, esta e outras expressões idiomáticas bíblicas

teriam chegado até ele através da influência da Septuaginta, uma tradução grega do Antigo Testamento amplamente usada pelos primeiros cristãos. Devemos ter presente que “noventa por cento do vocabulário de Lucas se encontra” na Septuaginta.<sup>17</sup>

### **Evidências escriturísticas**

Para ajudar a determinar o significado da afirmação de Jesus na cruz, devemos reconhecer a importância de se considerar o ensino bíblico global acerca do tempo em que os salvos receberão a sua recompensa no Paraíso. Por “Paraíso” Jesus referia-se, sem dúvida, ao Céu (II Coríntios 12:2-4) ou à habitação eterna dos redimidos na Nova Jerusalém, onde se encontrarão a árvore da vida e o trono de Deus (Apocalipse 2:7; 22:1-5).<sup>18</sup> Noutra passagem, Jesus refere-se às muitas moradas na casa de Deus e ao tempo em que Ele virá novamente para levar os Seus para Si (João 14:1-3). Apenas então Ele irá convidar os Seus seguidores para herdarem o reino preparado para eles desde a fundação do mundo (Mateus 25:31-34). Este acontecimento será um glorioso momento de reunião, no qual se realizará a celebração final e completa da libertação do pecado (Lucas 22:14-18).

Paulo ensina que os crentes que morreram sairão das suas sepulturas na Segunda Vinda de Jesus (I Coríntios 15:20-23), e então ser-lhes-á conferido o dom da imortalidade (vv. 51-55). Ele nunca procura confortar os vivos dizendo-lhes que os falecidos já estão com Jesus no Céu. Pelo contrário, ele procura trazer paz ao seu coração ao lembrar-lhes a futura ressurreição (I Tessalonicenses 4:13-18; cf. II Coríntios 1:8-10; Filipenses 3:8-11)<sup>19</sup> e ao recordar-lhes que apenas quando Jesus voltar é que tanto os justos ressurretos como os justos vivos serão arrebatados juntos para se encontrarem com Ele no ar, e então ficarão com Ele para sempre (veja I Tessalonicenses 4:17).

Além disso, segundo Paulo, é a ressurreição de Jesus, não a Sua morte, que dá aos crentes uma esperança de vida após a morte (I Coríntios 15:16-20; Romanos 10:9). Assim, que sentido pode ter a ideia de que Jesus prometeu ao ladrão que eles estariam juntos no Paraíso nesse mesmo dia, especialmente se considerarmos que a Bíblia ensina claramente que, no dia em que morreu, Cristo foi para o sepulcro (Lucas 23:50-54; Atos 2:31, 32; 13:29-31)? Argumentar que apenas o corpo de Cristo foi

para o sepulcro, enquanto que o Seu espírito ascendeu ao Céu<sup>20</sup> é ignorar o facto de que, logo na manhã da ressurreição, Ele disse a Maria para que não O agarrasse porque Ele ainda não tinha subido para o Pai (João 20:17).

Portanto, não parece apropriado concluir que Jesus prometeu ao ladrão penitente que eles estariam juntos no Paraíso no dia em que morreram. Se a vírgula é colocada antes do advérbio “hoje”, torna-se virtualmente impossível reconciliar a passagem com o que a Bíblia – e o próprio Jesus – ensina acerca do tempo em que os mortos fiéis obtêm a sua recompensa final no Céu (cf. Lucas 14:13, 14; 20:34-38; João 5:28, 29; 6:39, 40, 53-58). Não há um único caso em que os escritores bíblicos procurem confortar os crentes dizendo que os mortos em Cristo já foram levados para o Céu. O conforto perante a morte é sempre relacionado com a ressurreição, não com a ideia de que na morte o espírito ou a alma é libertada do corpo para ir até à presença de Deus (cf. João 11:21-27; Apocalipse 20:6).

Por outro lado, se lermos “hoje” com o verbo precedente, a afirmação de Jesus pode, de facto, soar um pouco pleonástica nas linguagens modernas ocidentais, mas





este pleonasma torna-se perfeitamente aceitável se for compreendido como um modo idiomático de enfatizar a importância do pronunciamento: “Em verdade te digo hoje...” Finalmente, também há evidências suficientes de que este modo de compreender a passagem não é novo nem ilegítimo, pois importantes segmentos da Igreja a entenderam assim, mesmo numa época em que a crença na imortalidade da alma se tinha tornado predominante no Cristianismo. O que o ladrão pediu a Jesus foi que ele fosse lembrado no Seu reino (Lucas 23:42), e foi exatamente isto que Jesus lhe prometeu, pelo que o homem moribundo recebeu paz e conforto. Esta é a grande promessa do evangelho: estarmos com Jesus para sempre (João 14:1-3; I Tessalonicenses 4:167 e 17; Apocalipse 21:1-4). ∅

**• Wilson Paroschi**  
Professor de Teologia

1. Foi adicionada ênfase às citações das Escrituras.
2. Anthony A. Hoekma, *The Four Major Cults: Christian Science, Jehovah's Witnesses, Mormonism, Seventh-day Adventism*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1963, p. 353.
3. Bruce M. Metzger e Bart D. Ehrman, *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Res-*

*toration*, 4<sup>th</sup> ed., New York: Oxford University Press, 2005, p. 67.

4. Uma cuidadosa análise textual convenceu a grande maioria dos eruditos do NT que, juntamente com o P<sup>75</sup>, o Códex Vaticanus representa a forma do texto que era usada em Alexandria antes do fim do segundo século (*idem*, p. 55, 59).
5. Veja Bruce M. Metzger, *Manuscripts of the Greek Bible: An Introduction to Paleography*, Oxford: Oxford University Press, 1981, p. 74.
6. Alguns exemplos são os MSS 57 e 713, ambos do século doze.
7. Ephraem cita Lucas 23:43 três vezes, em cada uma delas omitindo “hoje”, mas ele também diz: “O nosso Senhor abreviou as suas liberalidades distantes e deu uma promessa próxima, ‘hoje’ e não no fim... Assim, através de um ladrão foi aberto o Paraíso” (*Moes.*, p. 244 e 245). Numa outra passagem ele refere-se à história do ladrão dizendo que a sua alma não podia entrar no Paraíso sem o corpo, porque os justos não podem, de facto, entrar no Paraíso até que se dê a ressurreição final (*Hymn*. Par. 8.22).
8. Cassiano, Collat. 1.14; Hesychius, PG 93: 1432 e 1433.
9. A leitura que liga “hoje” com “dizer” aparece na versão grega B de *Os atos de Pilatos* (cap. 10) e na versão grega de *A descida de Cristo ao inferno* (também cap. 10).
10. No entanto, é importante destacar que todos os Pais apostólicos e a maioria dos Pais gregos até ao quarto século eram condicionalistas, isto é, não acreditavam na imortalidade da alma. Veja-se Leroy Edwin Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers*, Washington, DC: Review and Herald, 1965, vol. 1, pp. 758 e 759.
11. “A ordem das palavras em Grego e, assim, no NT é muito mais livre do que nas linguagens modernas.” F. Blass e A. Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, trans. and ed. Robert W. Funk, Chicago: University of Chicago Press, 1961, §472.
12. Em Lucas 22:61 a posição de *sêmeron* em relação ao verbo deve ser estabelecida com base no seu uso claro no v. 34, e em Atos 27:33 o advérbio deve necessariamente ser lido após o verbo “ser” (“É hoje o décimo quarto dia”), como quase todas as traduções reconhecem.
13. A posição de *sêmeron* em Lucas 19:5 é explicada pelo facto de, contrariamente a *hoti* (4:21; 19:9),

*gar* é pós-positivo, isto é, normalmente assume a segunda posição.

14. Robert A. Morey, *Death and the Afterlife*, Minneapolis: Bethany, 1984, pp. 199-222, citado em Erwin W. Lutzer, *One Minute After You Die*, Chicago: Moody, 1997, p. 51.
15. E. W. Bullinger, *How to Enjoy the Bible*, 4<sup>th</sup> ed., London: Eyre & Spottiswoode, 1916, p. 48. Veja também E. W. Bullinger, *The Companion Bible*, London: Oxford University Press, 1932, apêndice 173.
16. Chamar a isto uma “expressão idiomática fantasma” apenas porque nenhum dos exemplos em Deteronómio têm as palavras “Em verdade” (*amên*) ou “digo” (*legô*), como fazem Kenneth D. Boa e Robert M. Bowman Jr. (*Sense and Nonsense About Heaven and Hell*, Grand Rapids: Zondervan, 2007, p. 58), nada é senão um subterfúgio. O que é idiomático é o advérbio “hoje” usado para aumentar a solenidade de um pronunciamento, não as outras palavras.
17. Raymond E. Brown, *The Birth of the Messiah: A Commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke*, New York: Doubleday, 1993, p. 623.
18. Numa tentativa para reconciliar a interpretação tradicional de Lucas 23:43 com o facto de que Jesus não ascendeu ao Céu senão vários dias depois, tem-se argumentado que o “Paraíso” não é o Céu, mas apenas uma região onde estão os justos, sendo um compartimento separado do Hades, tendo este também um compartimento para os injustos (veja Lutzer, *One Minute After You Die*, pp. 138 e 139). Alguns até sugerem que, desde a ressurreição e a ascensão de Cristo, o Paraíso foi removido do Hades e colocado no terceiro céu mencionado em II de Coríntios 12:4 (H. A. Kent Jr., “Paradise”, in *Evangelical Dictionary of Theology*, Grand Rapids, MI: Baker, 1984, pp. 826 e 827). No entanto, sustentar tais afirmações é deixar o domínio das Escrituras e validar afirmações tradicionais semelhantes defendidas por aqueles que creem no Purgatório e no Limbo.
19. Para uma discussão sobre II Coríntios 5:6-8 e Filipenses 1:21-23, veja-se Samuele Bacchiocchi, *Immortality or Resurrection? A Biblical Study on Human Nature and Destiny*, Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997, pp. 178-186.
20. Veja Douglas Groothuis, *Christian Apologetics: A Comprehensive Case for Bible Faith*, Downers Grove, IL: InterVarsity, 2011, p. 390.

# NÃO AQUELES RAPAZES!



**Q**uerido Deus, por favor não envie aqueles rapazes para a minha carrinha.

Rapidamente concluí que Deus não estava à escuta. Várias vezes por ano a escola dedicava um dia para a realização de serviço comunitário. Do meu ponto de vista, Kenny e Chris não eram feitos para os “projetos de serviço”. Deixando-se cair no assento, o Chris protestou: “Para onde vamos?” Kenny concordou com ele: “Por que temos que fazer isto?” Embora eu quisesse dizer algo bem diferente, respondi calmamente: “Vamos trabalhar no abrigo para mulheres maltratadas”. “Trabalhar?” resmungou o Kenny. “Eu nem sequer me inscrevi nisto. Eu acho isto estúpido!”

Ocorreu-me que Deus não estava a responder à minha oração. Chegámos ao abrigo e eu encontrei-me com a diretora, enquanto os rapazes esperavam ansiosamente na carrinha. “Nós realmente precisamos de ajuda para plantar flores e para brincar

com os miúdos, enquanto as mulheres vão a uma sessão de grupo terapêutica”, disse ela. A diretora espreitou para dentro da carrinha e perguntou num tom nervoso: “A sua equipa pode fazer isto por nós?” “Equipa?” pensei. Os dois adolescentes de cabelo espetado e vestidos com roupa ultralarga que estavam meio a dormir na carrinha podiam ser qualquer coisa, menos uma equipa. “Vamos a isto, cavalheiros”, disse eu num tom exagerado. “Eu vou pintar. Kenny, tu vais brincar com os miúdos. E tu, Chris, vais plantar as flores”. Fiz uma última oração para que Deus parasse de me castigar, dizendo “Deus, se Tu estás aí, imploro-Te...”

A minha oração foi interrompida por seis crianças aos gritos que corriam para a carrinha. Kenny estava a ser puxado da carrinha para vir jogar uma maratona de jogos de criança. Ele olhou para trás, desesperadamente pedindo ajuda, enquanto o seu melhor amigo

observava sem poder ajudar. Eu sorri e acenei-lhe com a mão. Chris olhou horrorizado para as mudas de flores que preenchiam o passeio perto do terreno fértil que as aguardava.

Após o choque ter passado, ele examinou o local e começou a plantar as flores com sobriedade. Quando já nos estávamos a preparar para partir, as crianças ainda estavam agarradas aos braços e às pernas do Kenny, enquanto ele, rindo, as arrastava pela relva. O Chris estava a lavar as mãos num dos lados da casa quando as mulheres saíram do edifício para um belo jardim cheio de flores. Eu reparei nos seus olhos quando ele aceitou as expressões de gratidão delas. Nós os três recebemos um passaporte para um outro mundo naquela manhã. Veio-me à mente que estar centrado em si mesmo pode assumir muitas formas.

Eu agradei a Deus por não ter respondido à minha oração inicial. /

*Retirado da revista Guide*



## Assembleia administrativa da Federação do Sul de França

Jean-Paul Barquon

A Federação do Sul de França realizou a sua Assembleia Administrativa entre os dias 7 e 10 de maio, no Palácio dos Congressos de Arles. Estiveram presentes 253 delegados. Como resultado dos trabalhos da assembleia, foram nomeados, como Pre-

sidente, Daniel Monachini, como Secretário, Emanuel Lopes e como Tesoureiro, Philippe Auroze. Esta Assembleia Administrativa decorreu num ambiente propício à receção do Espírito Santo. Os delegados demonstraram o seu empenho em promover

os melhores interesses da Federação. O novo Presidente, Daniel Monachini, foi uma excelente escolha. O Seu espírito arguto, as suas qualidades pessoais e as suas competências humanas fazem dele uma pessoa apreciada pelos seus colegas e pelos membros

das igrejas. Ele soube também rodear-se de uma equipe de colaboradores competentes. Esta equipa deverá dirigir, nos próximos anos, os destinos dos 4500 membros das igrejas que integram a Federação do Sul de França. ✦

## As piores cheias na Sérvia e na Bósnia desde que há registo

AD7/RA

A quantidade equivalente a três meses de chuva caiu em poucos dias na Sérvia e na Bósnia, levando os rios a saírem dos seus leitos e a invadirem as regiões urbanas. Foi declarado o estado de emergência em partes da Bósnia e da Sérvia, em consequência das maiores cheias de que há memória na região. Centenas de milhares de pessoas tiveram de ser evacuadas de áreas

junto aos vários rios dos dois países. Perto de 3 milhões de pessoas foram diretamente afetadas pelas cheias. Também os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia da região foram afetados. Vinte famílias Adventistas perderam os seus lares e quatro edifícios de Igreja foram destruídos, dois na Sérvia e dois na Bósnia. Em Sabac, vinte estudantes e os respetivos profes-

sores do Seminário Teológico de Belgrado juntaram-se a 6000 voluntários para erguerem um dique feito de sacos de areia destinado a proteger a cidade. A juventude das igrejas de Belgrado juntou-se também aos voluntários para ajudar a distribuir alimentos e a encher sacos de areia. A ADRA da Sérvia e a ADRA da Croácia começaram a recolher alimentos, água potável e rou-

pa para distribuir às pessoas que tiveram de abandonar os seus lares. “Estou muito grato à liderança da União do Adriático e à ADRA Croata e Eslovena pelo auxílio prestado nesta situação difícil”, disse o Pastor Djordje Trajkovski, Presidente da União do Sudeste Europeu, que abrange o território da Sérvia e da Bósnia. ✦

## Concluído o estudo sobre a teologia da ordenação

ANN/RA

O Comité de Estudo sobre a Teologia da Ordenação concluiu o seu trabalho em 5 de junho. Depois de quatro sessões plenárias, os membros do Comité puderam votar na sua solução preferida para resolver a questão sobre a ordenação de mulheres, questão com que a Igreja se debate há mais de 25 anos. Três posições distintas emergiram da votação, sem que qualquer uma delas se tivesse imposto como maioritária. Quarenta membros do Comi-

té indicaram a sua preferência pela seguinte posição: “Que cada entidade responsável por contratar pastores seja autorizada a escolher ter apenas homens como pastores ordenados ou ter tanto homens como mulheres como pastores ordenados.” Trinta e dois membros favoreceram a posição segundo a qual “a ordenação para o pastorado em toda a Igreja mundial deve ser restringida a homens qualificados”. Uma terceira opção foi votada por vinte e dois par-

ticipantes. Esta opção fazia notar que “existe um padrão bíblico de liderança masculina no cargo de ministro ordenado”, mas “recomenda-se que a liderança da Denominação nos vários níveis de organização seja autorizada a decidir, baseados em princípios bíblicos, se a permissão para ordenar tanto homens como mulheres pode ser apropriada para a sua região do mundo.” Terminado o trabalho do Comité, vários grupos administrativos irão debruçar-se

sobre o seu relatório durante as reuniões que decorrerão de 16 a 19 de junho do corrente ano. Depois, o relatório será apresentado no Conselho Anual da Conferência Geral, que se reunirá de 9 a 14 de outubro deste ano. Será nesta reunião que se tomarão as decisões para determinar que política será recomendada à Assembleia da Conferência Geral, que decorrerá em Santo António, Texas, em julho de 2015. ✦

## Assembleia Espiritual de 2014 em Portugal

AD7/RA

No Sábado 24 de maio do corrente ano teve lugar a Assembleia Espiritual nacional organizada pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia. O local escolhido para a reunião foi o salão de exposições da Batalha, localidade situada no centro de Portugal. O evento congregou cerca de 3000 Adventistas portugueses, que afluíram de todas as partes do país. A Assembleia Espiritual iniciou-se às 10 horas da manhã, com a realização da Escola Sabatina. A discussão da Lição da semana foi realizada por um painel composto por três membros leigos e por um pastor. Os membros presentes puderam participar na discussão usando os seus telemóveis para enviar mensagens SMS com comentários à Lição, que eram afixadas em dois ecrãs virados para a assistência. Depois de alguns momentos de louvor seguiu-se o sermão, que foi pregado pelo Presidente da União Portuguesa, o Pr. António Rodrigues. O sermão foi um apelo para que os Adventistas portugueses se envolvam no serviço à comunidade e no esforço de evangelização do seu país. Após a pausa para o almoço, teve lugar o programa da tarde. Este foi composto



essencialmente por momentos de louvor musical, por testemunhos e pela exibição de curtos documentários sobre a obra social e educativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. Esta grande festa espiritual encerrou-se por volta das 17:30h, quando os participantes rumaram de volta às suas casas. Para além da qualidade do programa em si, o que mais animou aqueles que vieram participar na Assembleia foi a oportunidade de rever os amigos de longa data oriundos de todas as partes de Portugal. Na hora da despedida, os par-



tecipantes marcaram encontro para se voltarem a ver na próxima Assembleia Espiritual.

# Livro Missionário de 2014 distribuído pelas Escolas Adventistas

RA

As Escolas Adventistas possuem uma visão clara do evangelismo e estão alinhadas com as diretrizes e com os programas da respetiva União, Divisão e da própria Confe-

rência Geral. Esta é, também, uma realidade em Portugal. Este mês queremos dar-lhe a conhecer a forma como as Escolas Adventistas se envolveram na distribuição do Livro

Missionário de 2014. Só Deus saberá quais os resultados deste trabalho de disseminação da Sua mensagem e quando é que estes se revelarão. É, no entanto, significativo o facto de os

alunos se envolverem em projetos destes, que são um verdadeiro contributo para o desejado processo de educar para o serviço e para o discipulado. ✨

## Participação ativa do Colégio Adventista de Setúbal na distribuição do Livro Missionário de 2014

Enoque Pinto, Capelão

Queremos testemunhar o envolvimento dos alunos do Colégio Adventista de Setúbal na distribuição do Livro Missionário. Sempre que existe um livro para oferecer temos visto o entusiasmo dos nossos alunos em participar no evento. Assim, a distribuição do livro “Para além da imaginação” contou com a contagiante alegria

das nossas crianças em dois momentos assinalados.

O primeiro decorreu no dia oficial da distribuição, ou seja, no dia 12 de abril, no qual muitos dos nossos alunos, com a farda dos Tições vestida, puderam viver experiências inesquecíveis que mais tarde partilharam. O segundo momento ocorreu logo na abertura das aulas

após a Páscoa. Desta feita, os alunos do Colégio Adventista de Setúbal levaram um livro missionário junto das famílias que vivem mesmo nas imediações do Colégio, mostrando um carinho muito especial pelos nossos vizinhos. Foi um momento marcante podermos partilhar o livro missionário junto de uma população que é, na sua maio-

ria, composta por seniores. Foi bom ver a alegria estampada nos rostos dos nossos alunos por poderem ser úteis aos outros. Para todos os que colaboraram fica a nossa gratidão, certos de que os resultados deste iniciativa estarão para além da nossa imaginação. Um dia, existirão muitas surpresas, tenho a certeza! ✨

## Distribuição do livro missionário pelo Externato Adventista do Funchal

Texto coletivo escrito pelos alunos do 2º ano

No dia 29 de abril, todos os alunos do Externato Adventista do Funchal receberam livros “Para além da imaginação”. Todos gostámos muito de receber este livro e alguns de nós não resistimos e aproveitámos para ler algumas páginas. O Rúben descobriu que exist-

tem muitas galáxias e que em Júpiter há uma grande tempestade. O Pedro aprendeu que há muito mais do que um milhão de estrelas no Universo. O Duarte gostou de ler a parte em que diz que, à medida que os telescópios foram evoluindo, os homens descobriram que o Universo

era maior do que se pensava. Todos nós gostámos de ver as bonitas imagens das estrelas, da galáxia em forma de borboleta, das “galáxias Antena” e de ver uma imagem de como vai ser quando Jesus nos vier buscar. Depois de explorarmos o livro, fomos para a rua distribuí-lo pelas pessoas que

passavam à frente da nossa escola. Dentro do livro estava um convite para aqueles que quisessem vir assistir às conferências. Todos foram simpáticos e agradeceram por lhes termos oferecido alguma coisa. Nós gostámos muito de participar na distribuição deste livro! ✨

## Distribuição do livro missionário pelo Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Tiago Alves, Professor de Educação Moral e Religiosa dos 5º e 6º Anos

A distribuição do Livro Missionário na Freguesia de Oliveira do Douro foi uma bênção e um motivo de grande alegria, pois foi uma tarefa partilhada pela Igreja de Oliveira do Douro, pela

Igreja do CAOD e pelo CAOD, enquanto escola. Tornou-se, no entanto, necessário dividir territórios para melhor alcançar a comunidade. Tal como nos anos anteriores, foi da responsabilidade dos

alunos do CAOD distribuir os livros pelas entidades da Freguesia, nomeadamente pelos funcionários da Junta de Freguesia, do Centro de Saúde e da Esquadra da PSP. Assim, as turmas dos 5º e

6º anos, acompanhadas pelo Capelão e pelo professor da disciplina de Educação Moral e Religiosa Adventista, distribuíram, na tarde do dia 30 de abril, cerca de uma centena de livros “Para além da

imaginação”. Visitaram, ainda, o Centro de Dia da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, onde apresentaram um programa musical e uma mensagem espiritual baseada nos conteúdos do livro. No final, foi feita uma oração pelas cerca de quatro dezenas de utentes e uma dezena de funcionários que atentamente absorviam a mensagem e que não disfarçavam as lágrimas da emoção provocada pela

esperança em Jesus e pela sempre alegre e entusiástica presença das crianças. Muitos agradeceram, desejaram que Deus guiasse aquelas crianças e ficaram sensibilizados quando lhes foi explicado que a iniciativa da visita está inserida num projeto maior, o das comemorações dos 40 anos do Colégio, no qual os alunos se propõem realizar 40 horas de serviço em prol da comunidade. Também inserindo-

-se no projeto “40 anos... 40 horas de serviço”, os alunos dos 5º e 6º anos distribuíram o Livro Missionário pelos utilizadores dos 46 talhões das Hortas Urbanas que funcionam nos terrenos do Colégio, em parceria com o Município de Vila Nova de Gaia. Dentro de cada livro foi colocado um cartão com uma mensagem de esperança, que os alunos previamente tinham elaborado, assim como um convite

para a Campanha de Evangelização que se iria realizar na Igreja de Oliveira do Douro na semana seguinte. Para além desta iniciativa, foram ainda distribuídos livros por todas as famílias de alunos e professores não Adventistas e pelos parceiros do Colégio. Ore pelo trabalho realizado e por estes alunos que, de forma espontânea, se assumem como missionários na Obra de Deus neste mundo. ✦

## Distribuição do livro missionário pela Creche e pelo Jardim de Infância Arco-Íris

Paula Girão, Diretora Pedagógica

O evangelismo sempre foi uma forte motivação da Igreja Adventista do Sétimo Dia e também não é coincidência que os objetivos da educação adventista estejam inseparavelmente ligados aos objetivos e propósitos da Igreja, porque “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”, Ellen G. White, *Educação*, p. 30. Cada estabelecimento de ensino oferece a melhor oportunida-

de ao educador para trazer a perspectiva do evangelismo ao seu ministério. O evangelismo através das publicações permite-nos também construir ligações no seio de comunidades locais. E porque cada oportunidade com este propósito deve ser aproveitada diligentemente, juntámo-nos a esta missão, espalhando “livros que contêm a mensagem para este tempo”, Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 145. As nossas crianças re-

cordaram, ao longo da semana que antecedeu a distribuição, os dias da criação, construindo em casa um livro a que demos o mesmo título. Cada dia havia uma tarefa para construir em casa, com a família, as quais, no final, deram origem a um livro e, simultaneamente, prepararam os pais, leitores, para o início da sua viagem, descobrindo não só as maravilhas da vida, mas também o amor que está para além

da imaginação. Não sabemos quem leu, como leu e o que achou. Apenas percebemos o interesse daqueles que, faltando, propositadamente se deslocavam ao Arco-Íris, para que o livro não ficasse incompleto. Um abril de primavera, espalhando o livro missionário como “folhas de outono”, e a certeza de um trabalho que lança sementes e cujos frutos serão vistos totalmente apenas na eternidade. ✦

## Envolvimento da Oficina de Talentos na distribuição do livro missionário

Vanessa Trindade, professora

“Todos os que se empenham em servir são a mão auxiliadora de Deus. São coobreiros dos anjos; ou antes, são o poder humano por meio do qual os anjos cumprem a sua missão. Os anjos falam pela sua voz e agem por suas mãos”, Ellen White, *Educação*, p. 271. Sob o lema “Cada criança um missionário”, as crianças da Oficina de Talentos (re)uniram-se para participar na missão de distribuir o livro missionário “Para além da imaginação”. Entre os dias 5 e 9 de maio, saiu pelas ruas de Lisboa um grupo de crianças com a missão de oferecer 170 livros aos transeuntes da nossa área de influência. O

tema do livro foi apresentado e discutido com os alunos e diariamente as crianças e as professoras se reuniam em oração, antes de partirem para a sementeira. De notar que este ano esta iniciativa teve a particularidade de poder contar com a participação de todos os alunos não Adventistas. Tivemos também o privilégio de ter o Pastor Daniel Vicente conosco na distribuição. A sua companhia e a sua dedicação é sempre uma mais valia e as crianças identificam-se com o trabalho pastoral. As crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 10 anos, ficaram entusiasmadas por participar uma vez mais neste tipo de ati-

vidade. Foi com orgulho que as ouvimos falar das maravilhas do Universo e, principalmente, de Jesus. Uma das experiências mais significativas aconteceu com o grupo do 2º ano, que encontrou um senhor que se mostrou bastante agradado com a oferta. Este senhor, profundamente católico, recebeu em anos anteriores um dos livros missionários e gostou bastante. Assim, estava curioso para conhecer mais sobre a nossa literatura e sobre os nossos ensinamentos. Temos a certeza de que o Espírito Santo conduzirá da melhor forma todos os livros entregues e tocará, no momento certo, no coração de quem os recebeu. ✦

## Convenção de Educação de 2014

Tiago Alves

Movidos pela missão de educar para a eternidade, três dezenas de professores que exercem diariamente o seu ministério nas Escolas Adventistas em Portugal estiveram reunidos em mais uma Convenção de Educação promovida pelo Departamento de Educação da UPASD. Esta Convenção decorreu nas instalações do Colégio Adventista de Oliveira do Douro, entre os dias 25 e 27 de abril, e contou com a presença de quatro convidados. Vindos do Colégio Adventista de Timon, Madrid, Joan Llorca, Paz Estabes, Fernando Castrillo e Ana

Lugo, todos eles com mais de trinta anos de experiência na Educação Adventista, entre a docência, a direção e a administração de Colégios Adventistas, partilharam um pouco da sua prática, do seu sonho e da sua paixão por esta missão. Desde os momentos espirituais aos momentos de formação, passando pelos momentos de convívio, o grupo foi sempre convidado a refletir na sua prática, a aferir o nível da sua motivação, envolvimento e compromisso e a tomar sérias decisões quanto à necessidade de suplicar a Jesus, o Mestre dos Mestres, por orientação, sabedoria, força e coragem.

Centrados nos alunos e na tremenda tarefa de os conduzir até Cristo, os dedicados professores dos cinco estabelecimentos de ensino Adventistas existentes atualmente em Portugal renovaram os seus votos com a missão de redimir, pois, tal como a Serva do Senhor nos indica, a “obra da Redenção e da Educação, são uma só” (Ellen G. White, *Educação*).

Que Deus conduza estes profissionais de educação e as Escolas Adventistas em Portugal, para que todos sejam instrumentos do Senhor que preparam gerações e gerações de crianças e jovens, não só para este mundo, mas para o mundo vindouro. ✦

## Ação Antitabaco da IASD em Portugal

■ Daniel Bastos, Diretor do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD

Desde o seu início, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal tem dedicado especial atenção ao problema do tabagismo, quer através da edição de várias publicações, periódicas ou não periódicas, quer através da implementação de programas de cessação tabágica. Neste sentido, foi pioneiro o Dr. Samuel Ribeiro, que iniciou a implementação do Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar em Coimbra, em 1967. Desde então, foram realizados mais de 4 mil planos, abrangendo mais de 60 000 fumadores. Mais tarde, continuando a ideia da *International Temperance Association*, surgida em Washington em 1947, iniciou formalmente a sua atividade, em Portugal, em 19 de dezembro de 1979, com a aprovação dos respetivos estatutos, que vieram a ser publicados em Diário da República em 24 de março de 1980, uma associação sob o nome atual de AITpt (Associação Internacional de Temperança

– Portugal). Esta associação tem dedicado grande parte dos seus recursos humanos e materiais à implementação de programas de cessação tabágica e de ações de sensibilização para o problema do tabagismo. A sua grande ferramenta foi, durante mais de 30 anos, o Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar, que implementou, não só Portugal, em todo o território continental e insular, mas também em comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Este Plano tem sido usado para ajudar o público em geral, mas também tem sido aplicado em empresas, escolas, coletividades, centros de saúde e autarquias, sempre suportado por equipas de profissionais de saúde, por outros leigos e por pastores Adventistas. A AITpt também participa frequentemente em programas de Rádio e de TV, e o seu trabalho tem sido reportado por órgãos de comunicação escrita. Desde 2013, iniciou a implementação de uma versão

portuguesa do programa *Breathe Free*, cujo lançamento a nível nacional está em curso em 2014. A AITpt tem cooperado com instituições governamentais e privadas, no âmbito da prevenção e do combate ao tabagismo, aderindo a ações públicas no Dia Mundial sem Tabaco (31 de maio) e no dia Dia Nacional do Não Fumador (17 de novembro), sendo cofundadora da COPPT (Confederação Portuguesa de Prevenção do Tabagismo). No dia 29 de maio de 2014, o Dr. Emanuel Esteves, vice-presidente da secção portuguesa da AIT, foi eleito presidente da COPPT, confederação que reúne grande parte das organizações existentes em Portugal diretamente envolvidas na prevenção do tabagismo. A eleição de Emanuel Esteves não deixa de ser um reconhecimento do trabalho que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem desenvolvido ao longo dos anos no campo do combate ao tabagismo. ✦

## Batismos em Vila Franca de Xira

■ Departamento de Comunicação da IASD de Vila Franca de Xira

A Igreja Adventista do Sétimo Dia em Vila Franca de Xira foi inaugurada a 6 de

fevereiro de 1971. Porém, de todos os batismos que foram alcançados por esta igreja ao longo dos anos, nenhum deles foi realizado na própria igreja, porque a mesma não possuía um batistério. Esta era, sem dúvida, uma infraestrutura que faltava a uma igreja com um historial de 43 anos. No início deste ano, movidos pela vontade de ultrapassar esta limitação e poderem assim realizar esta importante cerimónia dentro de portas, os membros dedicaram-se à construção de um batistério. Ao mesmo tempo, a Cassia, a Elizabete, a Claudete e a Maria foram recebendo estudos bíblicos para entregarem a sua vida a Cristo por meio do batismo. O dia da inaugu-

ração aconteceu a 31 de maio de 2014, com a cerimónia batismal das quatro candidatas, que se realizou sob a direção do Pr. Jorge Duarte. A alegria das candidatas, por serem as primeiras a utilizar o novo batistério, foi de tal ordem que todos os membros e todas as visitas se regozijaram no Senhor pelas muitas bênçãos alcançadas. O toque de Jesus sentido pelos corações daqueles que estavam presentes e que ainda não passaram por esta etapa permitiu que, na hora do apelo, alguns se levantassem. A igreja de Vila Franca pôde, assim, confirmar a sua necessidade de continuar a trabalhar para que mais almas se unam em breve ao Senhor e à Sua Igreja. ✦





# A RESPONSABILIDADE DA MÃE

"**E**xiste um Deus em cima no Céu, e a luz e glória do Seu trono repousam sobre a fiel mãe enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal. *Nenhuma outra obra se pode comparar à sua importância.* Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Não tem, como o escritor, de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras, nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. *Cumprê-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma a imagem de Deus*" (Ellen White, *O Lar Adventista*, p. 237).

Alguns investem milhares ou mesmo milhões de dólares nas mais diversas obras de arte co-

locadas na parede de uma sala, no pátio de um jardim, numa estante de biblioteca ou numa torre de CDs. Mas, por mais bela ou valiosa que possa ser considerada uma pintura, escultura, poesia ou composição musical, o tempo mostrará a efemeridade das obras realizadas pelo esforço e pelo trabalho humano. No entanto, muito maior e de durabilidade eterna é a inigualável obra da mãe que, junto de Deus, procura a sabedoria, a paciência, a graça e o amor necessários para preparar, educar e moldar o caráter dos seus filhos à semelhança do caráter de Jesus. Embora a sociedade atual distraia a mulher e a atraia para outras ocupações, aquela que teve a graça de conceber recebeu nos seus braços o maior de todos os investimentos

terrestres: "Herança do Senhor são os filhos" (Salmo 127:3). Não há ocupação, profissão, recreação ou ministério que desresponsabilize a mãe da maior obra a ela concedida. Os filhos só passam pelas suas mãos uma vez. Que o Espírito de Deus encontre no coração de cada mãe a linda oração de Isaías: "Eis-me aqui, e os filhos que o Senhor me deu, para sinais e para maravilhas" (Isaías 8:18). Que o Senhor inspire todas as mães na divina arte de pintar, esculpir, escrever e compor diariamente a mais linda de todas as obras de arte: a vida dos seus filhos moldada à imagem e semelhança do seu Criador. #

• **Maria da Luz Cordeiro**  
Diretora da Área  
Departamental da Família

# As Mensagens dos três

## O PRIMEIRO ANJO (2ª PARTE)

Vimos no artigo inaugural desta série de artigos que os três anjos de Apocalipse 14 são o símbolo da verdadeira Igreja do tempo do fim. A tríplice mensagem que eles proclamam ao mundo apresenta o conteúdo essencial da mensagem proclamada por essa Igreja. Para compreendermos a tríplice mensagem angélica e para identificarmos a Igreja que os três anjos representam, decidimos escrever uma série de artigos onde iremos procedermos à exegese de Apocalipse 14:6-13. Assim, no artigo anterior (o segundo artigo da série), nós interpretámos a primeira parte da mensagem do primeiro anjo. Descodificámos o significado do evangelho eterno proclamado pelo anjo e interpretámos o seu apelo para que a Humanidade tema a Deus e Lhe dê glória. Neste terceiro artigo vamos proceder à exegese da segunda parte da mensagem do primeiro anjo. Vamos dedicar algum espaço a interpretar o seu anúncio de um juízo iminente e o seu apelo para que a Humanidade adore o Deus Criador.

Assim, vamos estudar a segunda parte (em itálico) do seguinte texto: “E vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para evangelizar os que estão sentados sobre a Terra e a toda a nação e tribo e língua e povo,

dizendo com grande voz: ‘Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai o que fez o céu e a terra e o mar e as fontes de água’” (Apocalipse 14:6 e 7). Quando tivermos terminado a exegese desta segunda parte

da primeira mensagem angélica, iremos proceder à identificação histórica do símbolo do primeiro anjo. Procuraremos determinar que movimento eclesial na História do Cristianismo é simbolizado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14. De facto, a partir dos dados obtidos pela prévia exegese da primeira mensagem angélica e tendo em consideração os dados cronológicos a que chegámos no artigo introdutório desta série de artigos, estaremos em condições de identificar historicamente o movimento eclesial ou a Igreja que corresponde ao símbolo do primeiro anjo do décimo quarto capítulo de Apocalipse.

### O juízo de Deus

A segunda parte da mensagem do primeiro anjo declara que é vinda a hora do juízo de Deus. Na verdade, é-nos dito que a chegada

# gens s anjos



do tempo do juízo final é a razão por que é emitida pelo anjo a ordem de se temer a Deus e dar-Lhe glória. Vimos no artigo anterior que esta ordem é um apelo à conversão dos povos e que as noções “temer a Deus” e “dar-Lhe glória” denotavam o comportamento daqueles que se arrependem dos seus pecados, aceitam o evangelho eterno e aderem à adoração do verdadeiro Deus, o Deus Criador. Compreendemos agora por que razão o anjo apela à Humanidade para que tema a Deus e Lhe dê glória. Os seres humanos recebem este aviso solene porque o tempo do juízo final chegou. Note-se que, ao dizer que “vinda é a hora do Seu juízo”, o anjo utiliza o verbo grego *erchomai* (“vir”) no tempo aoristo (*êlthen* - “vinda”). A escolha deste tempo verbal grego peculiar indica que o começo da ação designada se deu num determinado momento do passado, momento esse que possui um significado decisivo para aqueles que são afetados pela referida ação. Assim, este aoristo culminante enfatiza que o tempo do juízo já chegou. Esse tempo é designado como sendo a “hora” do

juízo. A palavra grega *hōra* significa aqui um determinado momento temporal no curso da História da Salvação que é estabelecido pela vontade e pela autoridade de Deus (veja-se, por exemplo, João 12:23; 13:1; 17:1). O uso de *hōra* para designar o tempo definido por Deus para o juízo está presente noutras passagens do Apocalipse para indicar o momento da aplicação final do juízo divino (cf. Apocalipse 3:10; 9:15; 18:10, 16, 19). Ao se referir ao “juízo” (*krisis*) que é vindo, o anjo está a referir-se à ação divina de julgar (pois *krisis* significa primeiramente “decidir judicialmente”) e não à sentença resultante da ação de julgar (que seria designada pelo termo *krima*). Assim, o que, segundo o anjo, já começou, foi o processo judicial do juízo final, não a execução da sentença. João utiliza no seu livro o termo *krisis* para sublinhar a realidade da realização do juízo de Deus sobre as nações (Apocalipse 16:4-7 e 19:2). Neste contexto, a certeza de que o juízo de Deus está em curso torna o apelo do anjo ao arrependimento ainda mais solene, pois agora existem apenas duas

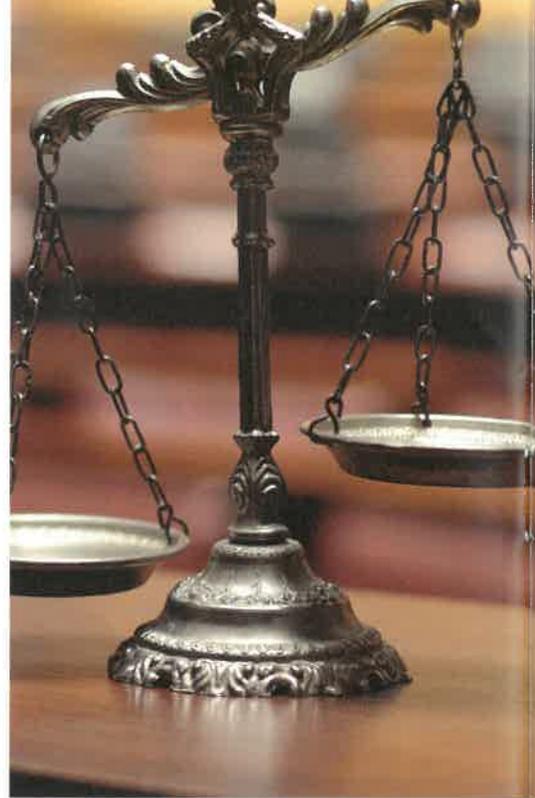
opções: Arrepende-se e ser absolvido no juízo ou continuar em rebelião e receber a sentença de condenação no juízo. Não haverá uma segunda oportunidade para a Humanidade. No entanto, o facto do processo deste juízo decorrer ao mesmo tempo que ocorre a proclamação final do evangelho eterno a todas as nações (Apocalipse 14:6) indica que o arrependimento e a conversão ainda são possíveis. Os seres humanos ainda dispõem de tempo para aceitarem o evangelho eterno e serem salvos da condenação no juízo. Finalmente, note-se que o juiz supremo que irá pronunciar a sentença é o próprio Deus Criador (Apocalipse 14:7). Só Deus tem a autoridade e o direito de ser juiz da Humanidade por Ele criada.

De acordo com Paulo, todos os seres humanos deverão comparecer perante o tribunal de Cristo, para serem recompensados ou castigados (II Coríntios 5:10). De facto, o processo do juízo implica trazer o caso de cada ser humano perante a barra do tribunal divino. Implica, assim, a investigação dos registos de vida de cada homem e de cada mulher, para que possa ser

emitido o veredicto de absolvição ou de condenação e para que se proceda à atribuição da recompensa – a vida eterna – ou do castigo – a morte eterna. Ora, segundo a Bíblia, há quatro fases no processo do juízo final. A primeira fase corresponde ao juízo investigativo pré-Advento. Cristo, o Filho do Homem, apresenta-se ao Ancião de Dias (Daniel 7:9-14, 26 e 27), purifica o santuário celeste (Daniel 8:14) e investiga os livros celestes (Daniel 7:10), de modo a determinar quais os seres humanos que estão qualificados para serem declarados justificados e dignos de alcançar a salvação. Este juízo investigativo deve ser realizado antes do Segundo Advento de Cristo, para determinar quem se salvará e receberá a vida eterna e quem se perderá e será condenado à morte eterna, pois Cristo traz na Sua Segunda Vinda a recompensa para “dar a cada um segundo a sua obra” (Apocalipse 22:12). De facto, Apocalipse 14:14-20 indica claramente que o destino final de todos os seres humanos deve ser decidido judicialmente antes da Segunda Vinda. A segunda fase do juízo final corresponde precisamente ao juízo executivo realizado por ocasião da Segunda Vinda de Cristo à Terra. O Filho do Homem separa as “ovelhas” dos “bodes”, os justos dos ímpios, destruindo os ímpios e levando os justos consigo para o Céu (Mateus 25:31-46; 16:27; Apocalipse 22:12). A terceira fase do juízo final corresponde ao juízo de revisão realizado durante o milénio. Durante mil anos, os santos, sentados em tronos, recebem a tarefa de corroborar o juízo divino que condenou os ímpios, examinando os registos dos que não se salvaram e dos anjos caídos (Apocalipse 20:4; I Coríntios 6:2 e 3). Finalmente, a quarta fase do juízo final corresponde ao juízo executi-

vo no final do milénio. É executada a sentença determinada no juízo pré-Advento sobre os ímpios resuscitados, sendo estes lançados no lago de fogo (Apocalipse 20:12-15). Os santos não enfrentam este juízo (João 5:24).

Pode-se, pois, perguntar: A qual destas fases do juízo final corresponde o juízo anunciado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14? O juízo proclamado pelo anjo corresponde à primeira fase do juízo final, isto é, aquela que ocorre antes da Segunda Vinda de Cristo à Terra. Temos duas razões para sustentar esta tese. Em primeiro lugar, o juízo que é anunciado pelo anjo decorre ao mesmo tempo que a pregação final do evangelho eterno a todo o mundo (Apocalipse 14:6 e 7). Portanto, ele decorre enquanto ainda dura o tempo de graça concedida à Humanidade. Dado que a segunda, a terceira e a quarta fases do juízo acima indicadas decorrem após o termo do tempo de graça, devemos concluir que o juízo que o primeiro anjo anuncia corresponde à primeira fase do juízo final, a fase do juízo investigativo pré-Advento. Em segundo lugar, a localização da perícopes da tríplice mensagem angélica na estrutura do Apocalipse mostra inequivocamente que o juízo anunciado pelo primeiro anjo ocorre antes da Segunda Vinda de Cristo. De facto, a perícopes dos três anjos (Apocalipse 14:6-13) antecede imediatamente a perícopes que descreve a Segunda Vinda de Cristo (Apocalipse 14:14-20). Portanto, se o juízo anunciado pelo primeiro anjo tem início e decorre antes do Segundo Advento de Jesus, então ele não pode corresponder nem à segunda fase do juízo, que se dá exatamente na Segunda Vinda de Cristo, nem, como é óbvio, às duas fases posteriores a esta. Assim, devemos concluir que o juízo anun-



ciado em Apocalipse 14:7 é o juízo investigativo pré-Advento. Isto faz todo o sentido, pois o primeiro anjo anuncia a *chegada* do juízo. Logo, ele deve estar a referir-se à fase inicial do juízo final: a fase do juízo investigativo que antecede o Segundo Advento de Jesus.

Resta-nos determinar a data em que começou este juízo investigativo pré-Advento anunciado pelo primeiro anjo. Embora esta tarefa sejam algo complexa, sobretudo tendo em conta o espaço de que dispomos neste artigo, podemos esboçar uma resposta breve.

### **A hora do juízo**

Para determinarmos a data em que começou o juízo investigativo pré-Advento devemos compreender a mensagem dos capítulos 7, 8 e 9 do livro de Daniel.<sup>1</sup> Começemos por Daniel 7.

Este capítulo de Daniel relata uma visão em que é descrito o curso da História, desde o tempo de Daniel até à entrega do reino eterno aos santos do Altíssimo. Começando com o império Babilónico, representado pelo leão alado

(Daniel 7:4), seguem-se o império Medo-Persa (o urso de Daniel 7:5), o império Grego-Macedônio (o leopardo alado de Daniel 7:6) e o império Romano (a besta terrível de Daniel 7:7). Este último dá origem aos dez reinos bárbaros que estão na base das nações da Europa ocidental e central (as 10 pontas de Daniel 7:7 e 8). Entre estas nações surge posteriormente o poder papal (a ponta pequena de Daniel 7:7 e 8) que continua a sua atividade e faz guerra ao povo de Deus, até que o reino é entregue aos santos do Altíssimo (Daniel 7:11, 18, 27). Note-se que, depois da guerra que o poder papal move contra os santos, surge a cena do juízo presidido por Deus, que decorre no Céu (Daniel 7:9, 10, 22). O tempo em que ocorre o juízo é definido na passagem de Daniel 7:21 e 22, que diz o seguinte: “Eu olhava, e eis que esta ponta fazia guerra contra os santos, e os vençia. Até que veio o Ancião de Dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino”. Esta passagem mostra que o juízo celestial presidido por Deus acontece *após* a guerra movida pelo papado contra os santos e *antes* dos santos receberem o reino por ocasião da Segunda Vinda de Cristo. Dado que sabemos que o juízo ocorre antes da Segunda Vinda, se pudermos determinar o final do período em que o papado (a ponta pequena) fez guerra contra os santos de Deus, poderemos também ter uma indicação aproximada do tempo em que começa o juízo celestial presidido por Deus. Ora, a guerra movida pelo papado contra os santos é limitada pela profecia a um período de tempo específico: “E eles [os santos] serão entregues na sua [da ponta pequena] mão por um tempo, e tempos e metade de um tempo” (Daniel 7:25). Este

período simbólico de tempo – “um tempo, tempos e metade de um tempo” – corresponde a 1260 dias simbólicos (cf. Apocalipse 12:14 e 12:6). Dado que um dia profético simboliza um ano de tempo literal (cf. Ezequiel 4:6 e Números 14:34), podemos concluir que estes 1260 dias proféticos apontam para os 1260 anos em que o papado fez guerra aos santos de Deus. Quando começou e quando terminou este período histórico? Ele começou em 538 d. C., quando os Ostrogodos abandonaram o cerco de Roma e o papado, liberto do controlo político-militar desse povo de confissão ariana, pôde exercer livremente a sua autoridade, que tinha sido reconhecida e promovida pelo decreto do Imperador Justiniano datado de 533. Assim, em 538 d. C. começou o período de domínio do papado sobre a Europa, que levou à perseguição do povo de Deus. Exatamente 1260 anos depois, este período de hegemonia papal chegou ao fim quando, em 1798 d. C., o Papa Pio VI foi feito prisioneiro pelo general francês Louis-Alexandre Berthier, por ordem do governo revolucionário de França. Dado que, como vimos, o juízo celestial presidido por Deus deveria começar após o período de 1260 anos e dado que este terminou em 1798 d. C., podemos concluir que o juízo deveria começar apenas após 1798. Assim, segundo Daniel 7, o juízo celestial deveria começar numa data posterior a 1798 e decorrer até à Segunda Vinda de Cristo. Mas, será que podemos determinar a data exata do começo do juízo investigativo que decorre no Céu? Os capítulos 8 e 9 de Daniel contêm a resposta a esta pergunta.

Daniel 8 apresenta uma série de eventos históricos que são paralelos aos eventos indicados pela profecia de Daniel 7. Daniel

contempla em visão o domínio do império Medo-Persa (o carneiro de Daniel 8:3 e 4; cf. 8:20), que é sucedido pelo império Grego-Macedônio (o bode de Daniel 8:5-8; cf. 8:21). Por sua vez, este é sucedido pelo poder romano, primeiro na sua fase pagã e depois na sua fase papal (a ponta pequena de Daniel 8:9-12; cf. 8:23-25). Neste ponto da visão, um dos seres celestiais interroga-se: “Até quando durará a visão (*hazôn*)?” (Daniel 8:13). A resposta é imediata: “Até duas mil tardes e manhãs e o santuário será purificado” (Daniel 8:14). Portanto, todo o conteúdo histórico da visão (*hazôn*), que começa com o domínio do império Medo-Persa (cf. Daniel 8:2 e 3) e que termina já no “tempo do fim” (cf. Daniel 8:17 e 19), deve caber neste período de 2300 tardes e manhãs, isto é, de 2300 dias proféticos. Além disso, fica também claro que deverão passar 2300 dias proféticos até que comece a purificação do santuário. Dado que, como vimos acima, a cada dia profético corresponde um ano histórico, o período das 2300 tardes e manhãs representa simbolicamente 2300 anos históricos. Finalmente, quando comparamos a estrutura da visão de Daniel 7 com a estrutura da visão de Daniel 8, fica também claro que a purificação do santuário de Daniel 8:14 corresponde à cena do juízo celestial de Daniel 7:9 e 10. Assim, a interpretação do que significa a purificação do santuário em Daniel 8 deve ter em consideração o significado mais claro da cena do juízo de Daniel 7. A purificação do santuário deve estar, de algum modo, relacionada com o juízo celestial. Neste momento, uma pergunta se impõe: Quando começa exatamente o período dos 2300 anos? De facto, se soubermos quando começa o referido período, poderemos determinar

o seu fim e, assim, determinar também o início da purificação do santuário de que fala Daniel 8:14. Para acharmos a data de início dos 2300 anos devemos recorrer à informação que nos é aportada pelo capítulo 9 de Daniel.

Os exegetas estão de acordo sobre a relação estreita que existe entre Daniel 8 e Daniel 9. Daniel 9:24-27 indica um período de tempo que seria concedido aos judeus para que o povo se preparasse para a primeira vinda do Messias.<sup>2</sup> Este período estender-se-ia por 70 semanas proféticas, ou seja, 490 anos históricos ( $70 \times 7 = 490$ ). Ora, o anjo Gabriel declara ao profeta Daniel que “setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade” (Daniel 9:24). O termo hebreu *hathak*, que é traduzido por “determinadas”, significa literalmente “cortadas”. Pode-se, então, perguntar: De onde são “cortadas” as setenta semanas ou os 490 anos? Sem dúvida que elas são cortadas de um período de tempo mais longo que já havia sido indicado ao profeta.

Dado que não é referido qualquer outro período temporal em Daniel 8 e 9 senão o das 2300 tardes e manhãs (isto é, 2300 anos), segue-se que as setenta semanas (isto é, os 490 anos) devem ser cortadas das 2300 tardes e manhãs. Ora, nós sabemos que ambos os períodos – os 490 anos e os 2300 anos – começam no mesmo período histórico: O período inicial do império Medo-Persa. Isto significa então que os 490 anos devem ser cortados dos 2300 anos a partir do início destes. Assim, se formos capazes de estabelecer o ano exato do começo dos 490 anos de Daniel 9, descobriremos também o ano exato do começo dos 2300 anos de Daniel 8. Pois bem, Daniel 9:25 indica claramente que os 490 anos começam “desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém”. Esta ordem foi dada num

decreto do rei persa Artaxerxes I (cf. Esdras 7:12-36). Este decreto pode ser objetivamente datado graças ao concurso de várias fontes antigas. Sabemos que ele foi emitido em 457 a. C., tendo entrado em vigor no outono desse ano.<sup>3</sup> Portanto, se os 490 anos começaram em 457 a. C., os 2300 anos também começaram nessa data. Estamos assim em condições de determinar quando começou a purificação do santuário celeste. Se contarmos 2300 anos a partir de 457 a. C. (lembrando-nos que não há ano 0), chegamos a 1844 d. C., data que se situa já em pleno “tempo do fim”. Foi exatamente nessa data que começou a purificação do santuário celeste referida em Daniel 8:14. Esta data concorda com a informação que obtivemos anteriormente de Daniel 7, que apontava para o começo do juízo celestial numa data após 1798 d. C.. Resta-nos mostrar que a purificação do santuário celeste de Daniel 8 significa o mesmo que a realização do juízo celeste de Daniel 7.

Ora bem, já referimos uma primeira e importante razão para se afirmar a identificação da purificação do santuário celeste com a realização do juízo celeste. Esta razão é o paralelismo estrutural existente entre as duas cenas. Ambas as cenas ocorrem no tempo histórico que decorre imediatamente após a menção das atividades destrutivas da ponta pequena (que representa o papado). Para além desta razão, existe ainda uma outra. A menção da purificação do santuário indicada em Daniel 8:14 aponta para o ritual Levítico do Dia das Expições. De facto, no Dia das Expições realizava-se a cerimónia de purificação do santuário terrestre em que se centrava o culto israelita (Levítico 16; 23:26-32; Números 29:7-11). O Dia das Expições era o dia anual de purificação do santuário (Levítico 16:19, 30). Mas ele era também

um dia de juízo (Levítico 23:29), em que os israelitas fiéis, que tinham feito uso das provisões do sistema ritual centrado no santuário, eram considerados justificados perante Deus e em que os israelitas infiéis, que não se humilhavam perante Deus, eram “cortados de entre o povo”. Assim, o Dia das Expições trazia aos israelitas a justificação e a vida ou a condenação e a morte. Ao fazer referência à purificação do santuário celeste, Daniel 8:14 está a apontar para uma realidade celeste que era tipificada ou simbolizada pelo Dia das Expições que ocorria no santuário terrestre do povo de Israel. Ou seja, Daniel 8:14 supõe que há um santuário celeste que deveria ser purificado num determinado momento da história, da mesma forma que o santuário terrestre era purificado uma vez no ano no Dia das Expições. E da mesma forma que o dia da purificação do santuário terrestre era um dia de juízo, também o período da purificação do santuário celeste deveria ser um período de juízo. Assim, podemos concluir que a purificação do santuário referida em Daniel 8 corresponde paralelamente à cena do juízo celeste descrita em Daniel 7.

Portanto, a nossa consideração de Daniel 7, 8 e 9 e de Levítico 16 permite-nos concluir que o juízo investigativo pré-Advento – representado pela cena de juízo de Daniel 7 e pela purificação do santuário de Daniel 8 – começou em 1844 d. C. e será concluído imediatamente antes da Segunda Vinda de Jesus. Assim sendo, estamos hoje em pleno tempo do juízo.

### **Adorai o Criador**

O primeiro anjo continua a proclamar a sua mensagem, apresentando uma segunda exortação aos habitantes da Terra: Adorai o que fez o céu e a terra e o mar e as fon-

# ADORAI O QUE FEZ O CÉU E A TERRA E O MAR E AS FONTES DE ÁGUA.

tes de água. Ele convida assim a Humanidade a adorar Deus, o único ente que verdadeiramente merece adoração. Deus é merecedor de adoração porque Ele é o Criador do céu, da terra e do mar (Apocalipse 10:6; 4:11; Salmos 95:6; Neemias 9:6). Na verdade, ser objeto de adoração é exclusivamente uma prerrogativa divina (Apocalipse 4:11). Este apelo angélico para que se adore Deus, enfatiza fortemente a soberania do Criador sobre o Universo por Si criado. O primeiro anjo lança este apelo à adoração do Deus Criador porque a questão central na crise final descrita pelo Apocalipse será a determinação de quem deve ser adorado. No tempo do fim descrito por João, existirão apenas dois grupos de pessoas no mundo: Aqueles que temem e adoram o Deus Criador (Apocalipse 11:1, 18; 14:7; 15:4) e aqueles que adoram a besta, lugar-tenente do dragão (Apocalipse 13:4-8; 14:9-11). O conflito final desenhará uma linha de demarcação entre estes dois grupos. Quando quase todo o mundo decide adorar a besta suscitada pelo dragão, o povo de Deus do tempo do fim caracteriza-se pelo seu total compro-

misso com Deus e pela sua presteza em obedecer aos Seus mandamentos (Apocalipse 12:17; 14:12), incluindo o mandamento que indica qual o verdadeiro dia de adoração do Deus Criador (Êxodo 20:8-11) e que serve de sinal da aliança entre Deus e o Seu povo (Êxodo 31:13-17; Ezequiel 20:12, 20).

Note-se que na exortação do anjo está precisamente presente uma alusão ao quarto mandamento do Decálogo, o mandamento que ordena a santificação do Sábado (Êxodo 20:8-11). O paralelo existente entre, por um lado, a expressão usada na exortação do anjo para que a Humanidade adore “o que fez o céu e a terra e o mar e as fontes de águas” (Apocalipse 14:7) e, por outro, a enunciação da parte final do mandamento do Sábado (“porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há” – Êxodo 20:11) sugere que o apelo à adoração do Deus Criador deve ser compreendido no âmbito da observância do quarto mandamento do Decálogo. O primeiro anjo indica assim, ainda que de modo alusivo, que a adoração do Deus Criador deve ser realiza-

da nos Seus próprios termos, isto é, no Sábado, o dia que Ele mesmo fixou como memorial da criação do nosso mundo (Gênesis 2:2 e 3). Este apelo do anjo não indica apenas que a crise final se centrará na escolha, pela Humanidade, de quem deve ser adorado, mas sugere também que essa mesma crise envolverá uma disputa sobre o dia de adoração a observar pela Humanidade. A observância ou não observância do Sábado será parte da questão sobre quem deve ser adorado que, por sua vez, será a causa despoletadora da crise final. De facto, é através da observância do Sábado que Deus espera ser adorado como Criador pelos habitantes do nosso mundo.

Não podemos deixar de referir que esta exortação do primeiro anjo para que a Humanidade adore o Deus Criador é especialmente significativa para a geração final de seres humanos. De facto, esta geração apresenta-se especialmente suscetível de falhar em reconhecer a própria existência de Deus devido à popularidade da Teoria da Evolução, que nega a veracidade do relato bíblico da criação e pro-



cura eliminar a necessidade de se acreditar num Deus Criador. Assim, o apelo do primeiro anjo para que a Humanidade adore o Deus Criador deve também ser compreendido no quadro da prevalência da teoria da evolução entre as classes instruídas das sociedades humanas mais desenvolvidas e mais secularizadas.

### ***A interpretação histórica do símbolo do primeiro anjo***

Terminada a exegese da mensagem do primeiro anjo, chegou o momento de procurarmos identificar historicamente que movimento humano é por ele representado. No primeiro artigo desta série concluímos que os três anjos de Apocalipse 14 eram o símbolo de um movimento eclesial que surgiria no tempo do fim, o período histórico que antecede a Segunda Vinda de Cristo. Chegámos a esta conclusão graças à interpretação semântica do símbolo do “anjo” presente em Apocalipse 14 e graças, também, à determinação do sentido estrutural da perícope dos três anjos quando considerada no horizonte da estrutura global do Apocalipse.<sup>4</sup> Ora, nós sabemos

que, segundo Daniel 7 e 8, o tempo do fim começou em 1798. De facto, como vimos anteriormente no presente artigo, 1798 marcou o termo dos 1260 anos que duraria a hegemonia persecutória do papado (a ponta pequena de Daniel 7 e 8). O livro de Daniel é claro quanto ao facto de que o fim da hegemonia papal daria início ao tempo do fim (Daniel 7:21 e 22, 26; cf. Daniel 8:17, 19). Assim, o movimento eclesial simbolizado pelos três anjos deveria surgir numa data situada após 1798. Na verdade, dado que o primeiro anjo não só anuncia o evangelho eterno como proclama que é vinda a hora do juízo de Deus e dado que, como determinámos acima, o juízo começou em 1844, devemos concluir que o movimento eclesial representado pelo primeiro anjo deveria surgir por volta de 1844. Assim sendo, devemos consultar a História do Cristianismo para determinar que movimento eclesial surgiu na cena religiosa do mundo cristão por volta de 1844, tendo ainda em consideração que o conteúdo da mensagem proclamada por esse movimento deve corresponder ao conteúdo da mensagem

do primeiro anjo de Apocalipse 14. Portanto, esse movimento eclesial deverá ter colocado a ênfase da sua mensagem na proclamação do evangelho eterno e no anúncio da vinda do juízo de Deus.

Pois bem, desde o início do século XIX desenvolveu-se no continente europeu e na Grã-Bretanha um movimento interconfessional que, a partir do estudo das profecias de Daniel e de Apocalipse, anunciava a boa nova da breve Segunda Vinda de Cristo e da iminência do juízo final. Este movimento ficou conhecido como o movimento do Segundo Advento. Em Inglaterra, o movimento do Segundo Advento envolveu mais de 700 pregadores anglicanos e muitas centenas de outros ministros do evangelho de diferentes denominações. Entre os pregadores ingleses destacaram-se Edward Irving (1792-1834), Joseph Wolff (1795-1862), Henry Drummond (1786-1860) e William Cuninghame (1766-1849). Na Escócia destacou-se Horace Bonar (1808-1889). Embora em menor escala, o movimento do Segundo Advento abrangeu países como a Alemanha, onde se distinguiram

Leonard Kleber e Johann Lutz, ou como a Suíça, onde destacou S. R. L. Gaussen (1790-1863). Na Suécia deu-se o fenómeno das crianças pregadoras, como Ole Boqvist e Erik Walbom. Grande parte dos teólogos e ministros do evangelho envolvidos neste amplo movimento internacional e interconfessional acreditava que a profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 apontava para o regresso de Jesus, ou para eventos que preludiavam esse regresso e que ela terminaria entre 1843 e 1847.<sup>5</sup> Foi este movimento europeu que preparou o caminho para que viesse a florescer vigorosamente nos Estados Unidos o movimento eclesial simbolizado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14. O movimento americano do Segundo Advento foi fundado e liderado pelo pregador leigo batista William Miller (1782-1849). Miller anunciava que as 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 deveriam terminar em 1844. Nessa data dar-se-ia a Segunda Vinda de Cristo e o juízo final. Cerca de 2000 pregadores uniram-se a William Miller, entre os quais se destacaram Joshua Himes (1805-1895), Josiah Litch (1809-1886) e Charles Fitch (1805-1844). A mensagem do juízo iminente e do iminente regresso de Cristo foi pregada pelos milleritas com grande poder entre 1840 e 1844, abarcando todos os Estados Unidos e sendo enviada a vários países e a todos os postos missionários do mundo. Os milleritas acreditavam que o primeiro anjo de Apocalipse 14:6 e 7 era o símbolo apocalíptico do seu movimento. Primeiro, porque eles proclamavam o “evangelho eterno” ou o “evangelho do reino” sobre a iminente Segunda Vinda de Jesus em 1844. Segundo, porque eles anunciavam que a hora do juízo final descrito em Daniel 7:9 e 10

e indicado em Apocalipse 14:7 tinha chegado. De facto, para Miller e para os seus seguidores o juízo ocorreria exatamente em 1844, pois Jesus traria na Sua Segunda Vinda a recompensa ou o castigo para dar a cada ser humano.<sup>6</sup> Quando a data de 22 de outubro de 1844 passou e Cristo não regressou à Terra, o movimento millerita dividiu-se em vários ramos. Um remanescente do movimento obteve uma compreensão mais perfeita da natureza do juízo investigativo pré-Advento, anunciado por Daniel 8:14, que se iniciara em 1844, e começou a advertir o mundo de que a hora do juízo tinha chegado e de que em breve Jesus regressaria à Terra. A partir deste remanescente millerita constituiu-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Passados 170 anos, a Igreja Adventista, legítima herdeira e continuadora do movimento millerita, desenvolveu um dos mais extensos programas missionários da história do Cristianismo, proclamando a todo o mundo o evangelho eterno, anunciando que estamos a viver na hora do juízo final e declarando que em breve se dará a Segunda Vinda de Cristo. Assim, podemos concluir que o primeiro anjo de Apocalipse 14 simboliza profeticamente o movimento fundado por William Miller, que foi prosseguido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia desde 1844 até ao presente.<sup>7</sup>

### Conclusão

Tendo terminado a interpretação da mensagem do primeiro anjo e tendo sido bem sucedidos em identificar na História do Cristianismo o movimento eclesial que ele simbolizava, temos ainda diante de nós a tarefa de prosseguir a interpretação da perícopa dos três anjos. Assim, no próximo artigo iremos proceder à exegese

da mensagem do segundo anjo de Apocalipse 14 e procuraremos também identificar historicamente o movimento eclesial que ele simboliza. †

• **Paulo Lima**

Redator da Revista Adventista

1. Baseamo-nos em Gerhard F. Hasel, “Divine Judgment”, in Raoul Dederen (ed.), *Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, pp. 833-840. Veja-se também *Seventh-Day Adventists Believe – A Biblical Exposition of Fundamental Doctrines*, Washington, DC: Ministerial Association of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 1988, pp. 321-325. Para a história do desenvolvimento da doutrina do juízo investigativo pré-Advento pelos Adventistas do Sétimo Dia veja-se Paul Gordon, *The Sanctuary, 1844 and the Pioneers*, Silver Spring, MD: Ministerial Association of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 2000, pp. 115-133 e C. Mervyn Maxwell, “The Investigative Judgment: Its Early Development” in Frank B. Holbrook (ed.), *Doctrine of the Sanctuary – A Historical Survey (1845-1863)*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 1989, pp. 119-157.
2. Para uma interpretação da profecia das 70 semanas veja-se Brempong Owusu-Antwi, *The Chronology of Daniel 9:24-27*, Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1995, pp. 384.
3. A data de 457 a. C. para o decreto de Artaxerxes I é estabelecida por Siegfried H. Horn & Lynn H. Wood, *The Chronology of Ezra 7*, 2<sup>nd</sup> ed. rev., Hagerstown: Review and Herald, 1970 (Facsimile Edition – TEACH Service, 2006), pp. 174.
4. Paulo Lima, “As mensagens dos três anjos – Introdução a Apocalipse 14:6-13”, *Revista Adventista*, Ano 74, nº 803, abril de 2014, pp. 8-13.
5. Sobre o movimento do Segundo Advento na Grã-Bretanha e na Europa veja-se Leroy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers – The Historical Development of Prophetic Interpretation*, 4 vols, Washington, DC: Review and Herald, 1946, vol. III, pp. 263-737.
6. Sobre o movimento millerita veja-se George R. Knight, *William Miller and the Rise of Adventism*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2010, pp. 13-205; Everett N. Dick, *William Miller and the Advent Crisis*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1994, pp. 1-169; Richard W. Schwarz & Floyd Greenleaf, *Light Bearers – A History of the Seventh-Day Adventist Church*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2000, pp. 29-50; Leroy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers – The Historical Development of Prophetic Interpretation*, 4 vols, Washington, DC: Review and Herald, 1954, vol. IV, pp. 429-851.
7. Sobre o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia a partir do movimento Millerita veja-se Richard W. Schwarz & Floyd Greenleaf, *Light Bearers – A History of the Seventh-Day Adventist Church*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2000, pp. 51-99; Arthur W. Spalding, *Origin and History of Seventh-Day Adventists*, Washington, DC: Review and Herald, 1961, pp. 97-311; George R. Knight, *William Miller and the Rise of Adventism*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2010, pp. 251-276; George Knight, *A Brief History of Seventh-Day Adventists*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1999, pp. 28-67; Leroy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers – The Historical Development of Prophetic Interpretation*, 4 vols, Washington, DC: Review and Herald, 1954, vol. IV, pp. 877-905, 941-1173.

# A vitória sobre o pecado

**A**lguns cristãos que se dizem nascidos de novo já tiveram de lutar, ou estão a lutar, contra a terrível natureza de algum vício. Quando falo de vício, não me refiro unicamente à dependência de alguma substância, mas a tudo aquilo a que o “velho homem” nos mantém “agarrados”. Pode ser o orgulho, a mentira, a fantasia, o desejo de superioridade, a inveja, a calúnia, a maledicência, a sexualidade ilegítima, a crítica pela crítica, a violência, a ganância, o apropriar-se do alheio, a burla, os esquemas... e poder-se-iam acrescentar muitos outros itens em que até um “cristão” pode estar viciado.

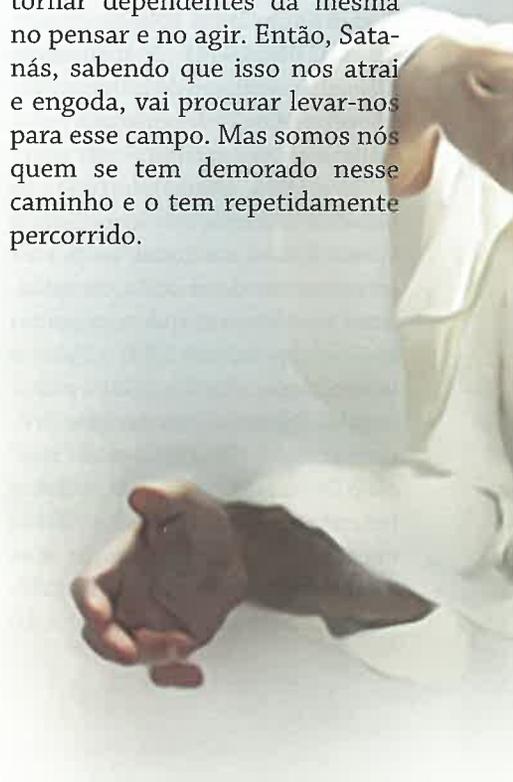
A pessoa até sabe que esse não é o caminho. Já prometeu a Deus mais de cem mil vezes que não voltava a acontecer, mas a verdade é que, quando se dá conta, já se encontra tão dependente, que, assim que surge a síndrome de abstinência, não se consegue controlar. Em tais momentos nem sequer pensa no que o Deus que tudo pode é capaz de operar em seu favor. Ele nem sequer lá está, para ela, nesse momento. É como se a pessoa não pudesse deixar de pensar em agir de determinada forma. Isto acontece porque o pecado é viciante e traz prazer. Parece sempre que desta vez vai ser diferente da última vez e que precisa de pensar ou de fazer algo de determinada maneira, pois é isso que a satisfará ou que a deixará realizada.

Ao contrário do que possa pensar, o ato pecaminoso vi-

ciante não é o que acontece num determinado momento, mas trata-se de uma realidade bem mais complexa. A pessoa pode estar no meio de uma conversa absolutamente normal e lá vem aquele pensamento que não consegue conter. Então, deixa-se ir atrás dele. Muitos pastores e conselheiros espirituais costumam afirmar que esse processo tem a ver com pensamentos que Satanás coloca na nossa mente. Mas quando analisamos o que a Palavra de Deus nos diz acerca do assunto, percebemos que afinal é algo bem mais complexo. É por isso que devemos estar bem alerta e bem apercebidos. Quando o apóstolo Tiago fala deste processo, fá-lo de uma perspectiva que nos leva a melhor compreender o que é a tentação: “Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode

ser tentado pelo mal e a ninguém tenta. Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte. Não erreis, meus amados irmãos” (Tiago 1:13-16).

Tiago diz-nos que é a nossa própria concupiscência que nos atrai e nos engoda. A prática que desenvolvemos ao longo de anos, talvez até desde a nossa infância, pode, muitas vezes, tornar-se tão repetitiva que acabamos por nos tornar dependentes da mesma no pensar e no agir. Então, Satanás, sabendo que isso nos atrai e engoda, vai procurar levar-nos para esse campo. Mas somos nós quem se tem demorado nesse caminho e o tem repetidamente percorrido.



É por isso que se torna tão importante que vivamos uma vida de comunhão com Deus, pois cada um de nós é aquilo de que se alimenta. Se a pessoa alimenta o seu pecado viciante, vai tornar-se cada vez mais dependente dele. É por isso que, no momento em que ele vem à sua mente, lhe parece que só pode pensar e agir em função dele. Não é que tenha decidido abandonar Deus ou ficar longe d'Ele, mas a verdade é que, nesse momento, para ela, Deus não está lá. A pessoa simplesmente O esquece e parece que o melhor que tem a fazer é dizer mal de determinada pessoa, lançar um boato, teimar até se convencer a si mesma, ir atrás daquela pessoa que a atrai, etc.

No entanto, quando toma a decisão de se aproximar de Deus e de se demorar na procura do conhecimento d'Ele, as coisas começam a funcionar de maneira diferente e pode iniciar-se o processo de libertação-da dependência. Isto porque é na medida em que decide aproximar-se de Deus que o crente chega a perceber o quanto o pecado pode ser destrutivo.

Asaf compreendeu isso perfeitamente quando, no meio dos seus pensamentos equívocos, decidiu aproximar-se de Deus em lugar de se deixar engodar por eles. Este processo de aproximação a Deus é descrito por Asaf como a entrada no Seu santuário. “Quando pensava em compreender isto, fiquei profundamente perturbado. Até que entrei no santuário de Deus e consegui compreender o fim deles” (Salmo 73:16 e 17).

Ele compreendeu o fim, e não apenas o prazer, o gozo ou a satisfação momentânea, que o pecado lhe podia trazer. É isso que

cada um de nós precisa de entender, na complexidade viciante do pecado a que o “velho homem” muitas vezes nos atrai.

A decisão que devemos tomar deve ser a de abandonar o pensamento pecaminoso no exato momento em que ele surge na mente, em lugar de o alimentar ou se demorar nele. Todo aquele que se coloca em posição favorável para se alongar naquilo que é a sua tendência natural, está a colocar-se em sério risco de pecar. E quanto mais se demorar nessa tendência, maior irá, sem dúvida, ser a queda. A resistência a uma tentação é inversamente proporcional ao tempo em que alguém se permite demorar o pensamento nela.

Mas Deus não deixa o crente lutar sozinho contra os seus vícios e as suas tendências. Ele providencia sempre a saída para a tentação. O apóstolo Paulo disse: “Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (I Coríntios 10:13).

É possível que alguém que esteja neste momento a ler este artigo e que se encontre a lutar contra qualquer tipo de tentação, possa duvidar da veracidade da mensagem contida na afirmação paulina. Também já tive de lutar algumas vezes na minha experiência cristã com esta dificuldade. Deixe-me que partilhe consigo o que descobri. Não duvido, nem desta, nem de qualquer outra promessa ou passagem das Escrituras. Deus é sempre fiel. O problema é que, quando esta-



mos a lutar com um determinado vício, estamos tão envolvidos com ele que não nos sintonizamos com a voz do Espírito Santo. Assim, ficamos engodados, absorvidos e escravizados pelos nossos pensamentos de pecado, e o “barulho” que resulta desse processo é tanto que não nos permite ouvir a voz do Espírito Santo. Pode até acontecer que, em alguns desses momentos, a pessoa nem queira sequer ouvir acerca do escape que Deus lhe está a proporcionar através do Espírito Santo. Mas ela pode ter a certeza absoluta de que Deus tem sempre à sua disposição o escape para fugir à tentação.

Um outro grande risco que aquele que está em luta com um vício pode correr é o de tentar pôr as culpas do seu pecado sobre os outros. Se não fossem os meus pais... Se não fossem aqueles meus amigos de infân-

cia... Se não fosse aquela situação traumática porque passei... Se não fosse isto... Se não fosse aquilo...

Deus é bem claro sobre quem tem a responsabilidade do pecado individual. Ele diz o seguinte através do profeta Ezequiel: “E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que tendes vós, vós que dizeis esta parábola acerca da terra de Israel, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que nunca mais direis este provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá. (...). O filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele” (Ezequiel 18:1-4, 20).

Deus não vai poder ajudar o crente a vencer os seus problemas presentes enquanto estiver a encontrar desculpas, enquanto estiver a remexer no seu passado para encontrar o culpado dos seus problemas presentes. Veja o que a Bíblia nos ensina acerca do verdadeiro caminho para o crescimento espiritual e para vencer o velho homem: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” (Filipenses 3:13 e 14).

A pessoa pode ter sido vítima de abuso ou agressão na sua infância. Pode carregar nos seus genes tendências com as quais tem de lutar cada dia e, muitas vezes, até frequentemente du-



rante o dia, mas nada disso pode servir para diminuir a sua responsabilidade pelos seus atos.

As crianças vítimas de abuso ou que são maltratadas foram efetivamente alvo de atos aviltantes. Aqueles que trazem nos seus genes fatores hereditários que mexem com eles têm lutas maiores do que os outros, que não carregam essa carga nos seus genes. Mas é quando se assume a responsabilidade pelos nossos atos presentes, sem ficarmos presos aos horrores do nosso passado, que poderemos ser mais do que vencedores em Cristo Jesus. Jesus pode então aplicar todo o Seu poder em nosso favor para nos resgatar e salvar.

Não podemos saber exatamente qual era o passado que Paulo tinha de esquecer. Muitos dirão que era o seu passado de perseguição à Igreja. Poderá até ter sido! Mas ainda que o fosse, ele não ficou a justificar o seu passado de perseguidor, reportando-se à maneira como tinha sido educado, à religião em que se tinha desenvolvido ou, ainda, aos erros dos seus mentores.

O povo costuma dizer que “não vale a pena chorar sobre o leite derramado”. Encontrar desculpas no nosso passado para não vencermos com Jesus as nossas lutas presentes não é o caminho certo para vencer o vício. Quando Deus nos deu os seus dez princípios morais para uma vida de liberdade, não disse: “Coloca Deus acima do teu vício da bebida, a menos que tenhas tido um pai alcoolatra.” “Não te entregues à depravação sexual, a menos que tenhas sido abusado em criança.” “Não penses em te apropriar do que não te pertence, a menos que tenhas sido ensinado a fazê-lo quando ainda eras bem pequeno.” “Não

deixes que o teu orgulho te domine e te leve a mentir a ti próprio, dizendo-te que tens razão, quando não a tens, a menos que tenhas visto isso resultar com a tua educadora de infância ou com os teus pais.”

O crente nunca chegará a permitir que Deus o faça nascer de novo, a menos que assuma a responsabilidade pelos seus erros do presente, sem qualquer tipo de desculpa ou de justificação. Não pode mudar absolutamente nada em relação ao seu passado. Mas Deus está disposto a ajudá-lo a mudar quer o seu presente quer o seu futuro. Para isso, é necessário que ele tão somente assuma as suas responsabilidades quanto aos erros presentes e passados e, de coração quebrado e verdadeiramente contrito, reconheça que têm sido as suas escolhas erradas que o têm levado ao vício. Ao fazê-lo com sinceridade e determinação estará a permitir que Deus mude o rumo da sua vida de dependência.

Foi isso que fez a grande diferença entre o pecado de Saúl e o pecado de David. Saúl nunca foi capaz de reconhecer que estava errado. Nunca quiz compreender que tinha entrado numa espiral de pecado que o tinha levado ao vício do orgulho, à embriaguez do poder e à compulsividade da perseguição.

David, pelo contrário, apesar de, deste o ponto de vista humano, parecer estar num caminho sem retorno, pôde encontrar a graça divina na sua vida porque reconheceu que o seu encantamento pelo poder o tinha levado a uma conduta sexual imprópria que se estendeu a manipulação, mentira, insinuação e homicídio. David tinha ido longe demais, mas quando confrontado pelo profeta Natã, reconheceu, sem

desculpas nem justificações, o seu pecado. “E o Senhor enviou Natã a David; e, entrando ele a David, disse-lhe: [...] Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei este negócio perante todo o Israel e perante o sol. Então, disse David a Natã: Pequei contra o Senhor” (II Samuel 12:1, 12 e 13).

David não procurou lançar as culpas sobre uma mulher que se tinha ido banhar de forma a que ele a visse desde o seu terraço, suscitando nele o desejo de a possuir. Não procurou, como Adão e Eva, empurrar a culpa para cima do outro em lugar de assumir as responsabilidades pelas suas más escolhas. Não! David confessou o seu pecado. Já não podia restituir a vida a Urias. Não podia limpar a mancha que tinha criado graças à promiscuidade da sua libido. Mas, quando verdadeiramente arrependido, confessou o seu pecado e pôde encontrar o perdão e a paz em Deus.

O passado é o passado e só Jesus o pode apagar. Jesus faz o convite para que, por Sua graça, o crente esqueça esse passado. Isso porque o sacrifício de Jesus é suficiente para todo aquele que procura, arrependido e contrito, a salvação que Ele aporta. Este é o único caminho que pode levar à verdadeira libertação de qualquer vício, apresente-se ele sob que forma se apresentar.

Deus lança-nos hoje o seguinte convite: “Apaguei as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; volta para mim, porque eu te remi” (Isaías 44:22). A nossa resposta fará toda a diferença entre alcançar a vitória ou sofrer a derrota nas nossas lutas pessoais. ✨

• **Daniel Vicente**  
Pastor



# ACNA de Famílias

– Preço –  
95€

21 A 31 DE AGOSTO DE 2014  
Costa de Lavos

## “Cuidar e Guardar”

Saber Gerir o Jardim da Família que Deus nos Confiou

*Convidados | Casal Pastoral: Daniel e Ana Vicente*

